



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA  
CFP- CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**EDIVANIA VITÓRIA MOREIRA**

**CAMINHOS E/OU DESCAMINHOS NO/DO DEVIR MULHER: REFLEXÕES  
SOBRE GÊNERO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**AMARGOSA-BA**

**2017**

**EDIVANIA VITÓRIA MOREIRA**

**CAMINHOS E/OU DESCAMINHOS NO/DO DE VIR MULHER: REFLEXÕES  
SOBRE GÊNERO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB do Centro de Formação de Professores- CFP como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Orientadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Ana Cristina Nascimento Givigi

AMARGOSA-BA

2017

## FICHA CATALOGRÁFICA

Moreira, Edivania Vitória.

**Caminhos e/ou descaminhos no/do devir mulher: reflexões sobre gênero na educação do campo/** Edivania Vitória Moreira.- 2017

63 p.

Orientação: Profa. Dra. Ana Cristina Nascimento Givigi

Trabalho de Conclusão de Curso- Universidade Federal da Bahia , Centro de Formação de Professores, Amargosa, 2017.

I. Moreira, Edivania Vitória. II. Givigi, Ana Cristina Nascimento. III. Título.

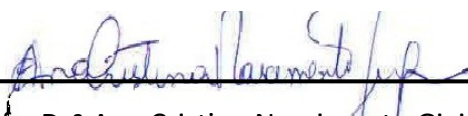
**EDIVANIA VITÓRIA MOREIRA**

**CAMINHOS E/OU DESCAMINHOS NO/DO DEVIR MULHER: REFLEXÕES  
SOBRE GÊNERO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Universidade Federal do Recôncavo da Bahia- UFRB, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA:



---

Profa. Dr<sup>a</sup> Ana Cristina Nascimento Givigi

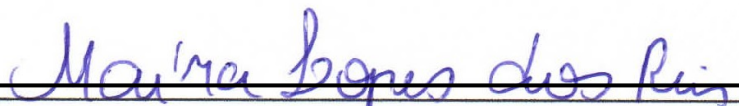
Presidente da Banca- Orientadora  
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/ CFP



---

Profa. Dr<sup>a</sup> Priscila Gomes Dornelles

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/ CFP



---

Profa. Ma. Maira Lopes dos Reis

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia/ CFP

“O tempo só anda de ida.

A gente nasce cresce, amadurece, envelhece e morre.

Pra não morrer tem que amarrar o tempo no poste.

Eis a ciência da poesia: Amarrar o tempo no poste.”(Manoel de Barros).

A menina da fala mansa e segura, meu porto seguro,  
á Eliana Moreira Araújo (*In Memoriam*), minha Leu,  
com carinho e amor. Á Agostinho Moreira (*In Memoriam*).  
Á Joselito dos Santos (*In Memoriam*)  
obrigada por me forçar a melhorar a atenção com a  
vida.

## AGRADECIMENTOS

Companheiras de curso e da vida me orientaram a escrever os agradecimentos como primeira coisa que se deve fazer no trabalho de conclusão de curso. Está sendo muito caro parar para escrever tais agradecimentos, preferia dar um abraço em cada companheiro(a) que ajudou a tecer essa teia inimaginável que resultou neste lindo desenho/colcha tão cheia de cores, linhas, traçados, cheiros, mãos e corpos.

Hoje, às 6h:32min, em 01 de junho de 2016, uma quarta-feira, ao ser acordada por foguetes e uma leve brisa que soprava o meu rosto resolvi ao levantar, ainda sonolenta, fazer o Oseé (limpeza da quartinha) das energias que traçam e guiam os meus caminhos. Agradei, fiz minhas preces e mais uma vez agradei. Em seguida, tomei café e voltei para a frente do computador para continuar a agradecer. Então, vamos lá!

A minha Mainha, Maria Lídia Vitória Moreira, lavadeira e agente de limpeza que segurou toda a peleja da criação dos 7(sete) filhos quando perdemos nosso pai, o seu marido. A doce senhora, filha da Mametu, dona das forças que habitam a lama, das chuvas claras, da serenidade, da sabedoria, da confiança - que tão bem soube me transmitir. Com todo amor e respeito eu vos agradeço, senhora da minha vida, por fortalecer e aumentar a minha sede de vida fazendo com que eu me revista de bravura todos os dias ao acordar, que juntamente com a ancestralidade me fez/faz caminhar mais firme provocando-me a enxergar sempre além do horizonte.

Ao meu Painho, Agostinho Moreira (*in memória*), ferreiro do olhar sereno, mas com bravura em seus gestos, Ogunchê Patacori! O que recordo são flechas de uma infância no quintal perto da sua tenda de trabalho. Dente mole? Painho arranca com alicate! Obrigada por mostrar-me a beleza de uma fornalha, do fogo reluzente ao sair dela, do cobre e do ferro sendo derretido/fundido, as formas de estribos de cavalos, as argolas, do barro vermelho que eu e meu irmão Edi brincávamos de fazer bois, da chegada do carro do carvão, do cheiro da lima ~~lhata~~ que quando voava na direção dos teus olhos claros como o mar e os deixavam vermelho da mesma cor do barro que usava para concertar a fornalha. Obrigada por me mostrar a beleza das coisas simples e cotidianas.

Aos meus irmãos e irmãs pelo cuidado e alegria que nunca deixou de existir entre nós... A

minha Leu (*in memória*), saudades eternas. A meus/minhas sobrinhos(as) pelos olhares de cumplicidade e respeito. A todos(as) da família que me provocaram a seguir em frente, quando muitas vezes queria cristalizar, meu muito obrigada.

Aos meus/minhas meninos(as) do “Vaga-lumes do Sertão”, por mostrar o melhor de mim. Essa conquista é por eles e para eles.

Ao meu irmão/amigo Elton Santana Santos, com a saudade de repartir a merenda, que tem cheiro de pastel e sabor de suco nos dias ensolarados do Colégio. Agradeço imensamente por acreditar em mim, mesmo quando eu não acreditei. Obrigada, pelos abraços e proteção em muitos momentos difíceis em nossa trajetória de vida. Você é o culpado, Elton, por hoje eu estar aqui, por traçar esse caminho de estudo, e me mostrar que é possível sim, um pobre fazer universidade, te amo!

Mukuiu a minha linda Mametu e a todos(as) os/as meus/minhas companheiros(as) de fé... Onde eu 'mato' minha sede de fé, simplicidade, humildade, alegria, intensidade...

A minha Nani, obrigada por me serenar nos meus momentos de tempestades, para você todo carinho e brilho do mais reluzente ouro, kiuá Mametu Dandalunda!

Carlinha, agradeço pelas palavras firmes, serenidade do/no olhar e confiança da irmandade entre nós.

A meu querido Adriano, obrigada por me acalmar com tuas palavras serenas e por acreditar em nós.

Linda força de Cris Sogrinha, agradecida por ser exemplo de mulher guerreira para minha trajetória de estudos.

Minha Marida (Sergipa), obrigada por me aturar nas minhas crises de pressa e chatice do dia a dia, te agradeço pelos dias que repartimos juntos o cotidiano de uma vida menos solitária com você.

À dona Neném, agradeço pelas bênçãos e pelo cuidado de mãe.

À seu Fernando, obrigada pela alegria e humildade das nossas prosas.

À Jacó, obrigada pelas palavras de resistência, aprendi muito vendo o bailar da tua mutuca de cabelo. Descendentes de índios que somos, conversamos muitas vezes com vozes engasgadas de tanta indignação por certas coisas... os(as) índios(as) riscando a nossa garganta querendo gritar a nossa irmandade.

Agradeço à capoeira Angola por permitir o encontro entre cafezinho e peixão, Gilson, obrigada por todo cuidado e desejos compartilhados.

A meu querido Belmiro, o que dizer? Cuidado, respeito, carinho, obrigada pela proteção e cuidado.

Obrigada Willians, meu garoto cibernético. Pela paciência e socorro, nas horas difíceis.

As CAPITU's, Jaquinha, Lane, Carmo, Milão, Gueu, obrigada pelos afetos e o devir-mulher negra que pude experimentar no/do coletivo.

A todas as entrevistadas, que confiaram em mim dividindo comigo suas histórias. Sem vocês, este trabalho não existiria.



## EPÍGRAFE

“Os apegados que me perdoem, mas a única coisa que não muda é que tudo muda. Por isso sou grata às mudanças que a vida me impôs e às vezes que me impus além delas. Sou grata pelos lugares que abandonei quando meu equilíbrio naufragou, sou grata pelos assentos que conquistei quando meu corpo cansou e sou grata pelas pausas que dei quando minha alma reclamou. Caminhei pela vida ora com pedras, muitas com flores, diversas vezes com espinhos pontiagudos. Sou grata por cada uma das vezes em que minhas dúvidas foram bem maiores que minhas certezas. Sou ligeiramente agradecida, neste caso, apenas ligeiramente, por motivos quase óbvios, pelos espinhos que me colocaram na calçada num mapa de circunstâncias já demarcado. Feriram meus pés, mas deixaram minha cabeça mais robusta. E mais robusta eu agradeço melhor.”

Cláudia Dornelles

## RESUMO

A presente colcha, costura-se com linhas cartográficas o **CAMINHOS E/OU DESCAMINHOS NO/DO DEVIR MULHER: REFLEXÕES SOBRE GÊNERO NA EDUCAÇÃO DO CAMPO**, para ao longo deste trabalho retalhos que delineiam o corpo-mapa das mulheres negras do campo e não negras, no entanto chamamos para ajudar a confeccionar a densa colcha autores pós estruturalistas seguindo a linha da cartografia. Para tanto, e como recorte metodológico: Suely Rolnik (2011-1997), Cláudia Pons Cardoso (2012), Lélia Gonzales (1983), Eduardo passos, Virgínia Kastrup e Liliane da Escóssia (2010), Ana Cristina Nascimento Givigi (2009), Michel Foucault ( 1970), Janice Caifa ( 2007), Livia Rezende Cardoso (2012), Luiza de Bairros (1995), Joaquim Gonçalves Barbosa ( 2016), Simone de Beauvoir( 2016), Joan Scott(1995), Rafael Trindade (2016), entre outros(as) teóricos para enliavar este trabalho que surge enquanto uma colcha de retalhos atesã. No intuito de acompanhar processos, devirir - mulher e negociação entre gênero e sexualidade, dentro do curso da Licenciatura em Educação do Campo na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, campus situado na cidade baiana nordestina de Amargosa.

**Palavras-chave:** Mulher. Gênero. Subjetividades.

## Sumário

1. COSTURAS ENTRELAÇADAS: UMA COLÇA ARTESÃ DA VIDA PRETA NO CAMPO

2. O FORRO: HISTÓRIAS BONITAS DAS PRETAS APESAR DO SILENCIAMENTO

3. RETALHOS: PRETAS DO CAMPO, ENTRELAÇANDO LINHAS E RETALHOS NO/DO DEVIR – MULHER

4. ENNOVELANDO O TEMPO DA COSTURA

4.1 DIFICULDADES NA COSTURA: COMO DÓI , TECER, COSTURAR, BORDAR...



# 1 . COSTURAS ENTRELAÇADAS: UMA COLCHA ARTESÃ DA VIDA PRETA NO CAMPO

“Companheiras me ajudem, eu não posso andar só, sozinha eu ando bem, mas com vocês ando melhor!”(Ciranda, autora desconhecida).

É no embalado desta canção que me questiono sobre: o que vejo quando olho-me no espelho? No tecer desse trabalho o que costuro? Costuras em minha pele, mapa tecido pela linha da resistência. Além da pele, onde e como foram riscadas? Onde foram feitos e desfeitos pontos na grande colcha de retalhos que resultaram na trajetória de pertencimento ao mundo feminino, tão decalcado pelo machismo, delineado pelo capitalismo e alimentado por uma sociedade extremamente sexista. E como me tornei mulher negra dentro desse emaranhado de discursos? O corpo que me constitui é o mesmo que reflete nos espelhos das minhas companheiras? Deste modo, em contato com o curso da Educação do Campo iniciei minha reflexão sobre o coletivo e o papel da mulher dentro do curso. Criei atalhos ao que já estava costurado à minha trajetória, na pele das minhas ancestrais mãe, avó, bisavó... todas mulheres do campo, lutadoras, guerreiras, incansáveis da luta diária. Afetei-me no devir, o que me devém? Deixar-se afetar, sentir embrulhos no estomago na hora de escrever/costurar com as companheiras. Para DELUZE, 1997:

O devir é um rizoma, não é uma árvore classificatória nem genealógica. Devir não é certamente imitar, nem identificar -se nem regredir – progredir; nem corresponder, instaurar relações correspondentes; nem produzir uma filiação. Devir é um verbo tendo toda sua consistência; ele não se reduz, ele nos conduz a “parecer”, nem “ser”; nem “equivalente”, nem “produzir”. (p.16).

Terça – feira 02 de Dezembro de 2014, às 13:30hs, chego na Escola Municipal Vivalda Andrade, onde há algum tempo vinha fazendo minhas observações para a construção do trabalho de conclusão de curso, até então não tinha mudado de tema. E a fala deste garoto me deixou sem palavras, muda no que tange a palavra mas, provocou a pensar o lugar de mulher

que ocupo dentro dessa nossa sociedade. Nesse dia, era dia de provão, para os alunos, inquietação total na sala de aula. Para a Professora da turma, serenidade de uma mulher experiente e que carrega na sua face o desejo de orientar aquelas crianças para um futuro melhor, enquanto eu sentia frio na barriga por aquelas crianças, olhares distantes, Língua Portuguesa... Passei a aula toda incapaz de focalizar algo que pudesse traçar algumas linhas no meu diário de bordo... Sei que o cartografo “jamais” pode deixar o seu olhar ficar viciado no ambiente, sei que tenho que percorrer cada espaço como se fosse a primeira vez... Então, no final do provão, um menino (vou chamá-lo de Garoto G), encosta bem pertinho do meu diário como se fosse ditar algo para preencher aquela folha até então vazia de escrita, mas, recheada de sensações, e fala: “Se eu “nascici” de novo, eu não queria ser mulher não fêssora”. (Garoto G, 2014). O mesmo havia perdido a mãe em situação de violência doméstica, foi espancada pelo companheiro e teve hemorragia interna. Esse caso foi apurado, mas infelizmente o agressor não foi punido, os dois filhos dessa mulher estão com a avó materna.

A voz serena e fluante daquele menino deslocou-me do lugar de filha, neta, bisneta de mulheres do campo, com suas palavras, emergi, e se eu “nascisi de novo fêssora”, o que gostaria de ser? Certamente, antes de nascer gostaria de reviver a vida de mulher da roça das minhas ancestrais. Para isso, a cartografia me deu esse 'privilégio' de reviver a caminhada feita por elas. Um devir não é uma correspondência de relações. Mas tampouco é ele uma semelhança, uma imitação e, em última instância, uma identificação (DELEUZE, 1997a, p.14). Esse Garoto G, me fez experimentar:

Como a desestabilização emerge o plano de constituição dos domínios de conhecimento em que as dicotomias dão lugar aos híbridos e as fronteiras apresentam seus graus de abertura, suas franjas moveis por onde os saberes se arguem e as práticas mostram sua complexidade. (KASTRUP, 2010, p.202).

Essas palavras me inquietaram, me perdi naquele redemoinho de sensações que me tirará do meu estado de “incapacidade”. Me remeti a minha vivência na escola, enquadrada como aluna problema por não aceitar regras ditadas pelos meninos, de ser chamada de menina homem por gostar de brincar de brincadeiras ditas de meninos. Rabiscos que me constituíram o ser mulher.

A convivência com algumas das mulheres do curso da educação do campo provocou-me a pensar a construção desse corpo-mapa, tão assolado pelo heterossexismo e desenhado

pelo racismo. Onde está o Devir Mulher? Esse retalho, costurar-se-à logo, logo.

Disponho-me, assim, a cartografar estes caminhos compondo um mapa. Desprender-se de atitudes programadas e de figuras feitas para envolver-se nas trocas de subjetivações: são esses desdobramentos que a cartografia me concede para visualizar o contexto das mulheres do campo dentro do curso de licenciatura da educação do campo e deixar-me imersa nas condutas da instituição. Pontuando Deleuze (2006):

O que temos são processos de (des) territorialização, que se fazem nas conexões entre fluxos heterogêneos, dos quais qualquer objeto e seus contornos são apenas uma resultante parcial que transborda por todos os lados. Pura lógica da multiplicidade na qual fragmentos e fluxos se articulam, sem horizonte de totalização. A cartografia tem uma linguagem especial, como os carpinteiros, só quer saber quais ferramentas usar, como elas funcionam, o que podem criar, nunca por que construir. Toma emprestado dos objetos apenas suas forças, não as formas, mas o material para fazer formas; não sua história e cenários, mas os elementos de sua matéria. (p.87).

A Universidade é meu campo de pesquisa e os instrumentos estão por se fazer, seguindo as forças e suas relações para pousar na turma de licenciatura em educação do campo, para conhecer melhor o forro (histórico) e os retalhos desta colcha que se faz quando as cores chamam pela necessidade do próximo retalho. Na cartografia cabe não nos apressar com o foco, porque, a atenção do cartógrafo é variante é pulsante (KASTRUP, 2010) até que um 'estado' de forças o obrigue a pousar.

Na caminhada dentro da universidade estive em muitos espaços políticos, seguindo a geopolítica da luta e do movimento. Deste modo, fiz um componente optativo denominado educação do campo, ministrado pela professora Kassia Rios que, que exigiu um artigo relacionado ao tema do componente. Como já era pesquisadora na área de gênero e sexualidade, produzi um artigo que teve como título: “Educação do campo no/do devir mulher: reflexões sobre gênero”. Nesse artigo, o eixo desenvolvido foi: gênero, diversidade e educação do campo. A aplicação dos questionários para embasar meu trabalho foi realizada com a primeira turma do curso e ao analisar os dados obtidos percebi a ausência de diálogos sobre o tema supracitado e a estranheza sobre gênero e sexualidade.

Essa pesquisa tem, portanto, por objetivo cartografar a construção do/dos caminhos e/ou descaminhos de construção no/do devir mulher, a partir da reflexão sobre gênero no curso da educação do campo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, de modo que venhamos a compreender o funcionamento discursivo dos gêneros. Tem também

como objetivos específicos a) identificar quais os principais desafios encontrados pelas mulheres em sala de aula; b) descrever as estratégias dos femininos para construção de sua identidade e legitimação. O espaço geopolítico de exercício da pesquisa foi construído pelas turmas I e II do campus localizado na cidade de Amargosa, interior da Bahia.

Afetei-me muito com a resistência de alguns participantes quando da aplicação do questionário para o artigo do componente. Lembro-me, que quando estava na ponte que dá acesso para a biblioteca, encontrei um alunx<sup>1</sup>, e convidei para participar da pesquisa, muito tranquilx, aceitou, eu entreguei o questionário e a pessoa rapidamente falou ao ler uma pergunta: “Oxe! Isso aqui? Se eu não sou nem um nem outro, assino, o que ?” A pessoa se referia à questão sobre o gênero feminino/ masculino. Parei, precisava pensar sobre aquilo. Tudo caminha até que a atenção, numa atitude ativa de receptividade, é tocada por algo (KASTRUP, 2010, p.42). “O pouso não deve ser entendido como uma parada no movimento. Voos e pousos conferem um ritmo ao pensamento, e a atenção desempenha aí um papel essencial” (KASTRUP, 2010, p 35).

Onde pousar a minha atenção? Naquele momento paralisei-me e me senti como um pássaro parado no auge do seu voo. As palavras daquela pessoa levaram-me à infância, ao recordar de minha irmã, que cuidava de mim, alegando que só eu a entendia, por não gostar de se relacionar com pessoas do sexo oposto. Eu a via e junto a ela sentia as surras que painho aplicava sobre o seu corpo, como correção, no intuito de enquadrar o corpo-mapa no que a sociedade entende como ‘forma feminina’. Com o passar do tempo o corpo-mapa (que é experimento de devires, poroso, flexível, molecular), mostra, através dos agenciamentos, que existe potência enquanto minoria dentro do contexto em que vivemos . Foi se construindo e libertando-se das normas do gênero, em constante resistência, formando um diagrama de forças para lidar com as tecnologias que teimam em classifica-lo em feminino ou masculino. Então, neste momento cartografei o corpo-mapa daquelx informantx parado na ponte do Centro de Formação de Professores, cujo desejo estava posicionado no entre-lugar, um lugar convulsivo onde as diferenças se mostram sem querer se definir, mas mostrando-se afirmativamente. Os fluxos alimentavam aqueles olhos firmes a me olhar, senti a brisa no rosto, consegui me mover, pedi que assinalasse e escrevesse o que desejasse. A cartografia me ampara nessa pesquisa justamente por: “Sua importância no desenvolvimento de uma pesquisa de campo revela que esta possui múltiplas entradas e não segue um caminho unidirecional para chegar a um fim determinado” (KASTRUP, 2010, p.43).

---

<sup>1</sup> Utilizarei o ‘x’ para designar os gêneros a partir de sua variabilidade.



Cartografar consiste no abraço a essa colcha de retalhos que oferece muitos caminhos, tantos quantos são as possibilidades de compor provisoriamente uma figura e desmancha-la a partir de novos retalhos que chegam e rumam a outras figuras. Nestes caminhos cartográficos não sou engolida pela prepotência do signo certo e do conceito coerente, mas eu e minhas companheiras de curso e mulheres da minha família somos composições cujas forças resultantes são descritas e conduzem a composição.

Pautada em pegar o material para costura-lo, não comecei necessariamente pelos retalhos ditos maiores, pois esses não são mais importantes do que aqueles pedacinhos (as vezes esquecidos) utilizados para o forro, os quais senti dificuldades de encontrar. Meu forro era a historicidade das mulheres negras na época do movimento das sufragistas. Onde estavam (estávamos)? Guardei-os para o forro que ficara, sem dúvidas, carente de alguns retalhos.

A ausência destes retalhos denunciava apagamentos e silenciamentos sobre a vida/existência das mulheres negras. Contudo, lá estavam elas traçando linhas moleculares entre/por uma história que não nos representava na época, por toda violação e produção de verdades que atravessavam nosso corpo-mapa. As exclusões demarcadas geradas tanto pelo patriarcado e também pelos homens negros, quanto o feminismo das mulheres brancas de classe média tentavam nos silenciar, mas estávamos lutando nos intervalos, do trabalho escravocrata e/ou mal remunerado que éramos obrigada a fazer. Muito desses reflexos sentimos atualmente quando nos deparamos com inúmeros espaços esvaziados pela brutal política de violência a que somos submetidas e tais representam-se pela solidão da mulher negra. Primeiro o homem branco europeu, depois homem negro, depois mulheres brancas que se alinharam aos “nossos” homens negros<sup>2</sup>, assim ficamos sozinhas, processo culturalmente histórico. Precisamos nos tornar mulher e mulher- negra. O devir não produz outra coisa senão ele próprio. (DELEUZE, 1997a, p.15). A autora Vanesa Santos do Canto aborda que:

É preciso, em primeiro lugar, destacar que esta afirmação trata de uma questão ontológica, pois a ontologia diz respeito àquilo que se refere ao ser. É assim a questão que se coloca não é de saber que sujeito é este que não nasce, mas se torna mulher, mas refletir sobre os processos de subjetivação que acompanham este tornar-se mulher. (2009, p. 70).

---

<sup>2</sup> Bell Hooks mostra como o feminismo se aliou ao direito de voto para o homem negro quando isso também era uma defesa ao voto feminino, pela universalidade. Tal ‘universalidade’ não incluía a mulher negra. Ler em HOOKS, Bell . Aint’ I a woman: Black women and feminism. Boston: South End Press, 1981.

A cartografia – minha metodologia de pesquisa - trata da investigação e observação com olhar atento para que predomine os registros da troca de fluxos entre os participantes da pesquisa e destes comigo como uma prática continuada. Uma das concepções de cartografia que vem entrelaçando essa colcha é a que nos ensina Kastrup:

Diferente do método da ciência moderna, a cartografia não visa isolar o objeto de suas articulações históricas nem de suas conexões com o mundo. Ao contrário, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente. Para isso é preciso, num certo nível, se deixar levar por esse campo coletivo de forças. (2009, p.57).

Nas observações, conversas e relatos fui tecendo, acompanhada de companheiras, o caminho cartográfico. As perguntas que iniciam uma pesquisa também podem ser modificadas quando um coletivo de forças desviante aponta a falibilidade da norma. X Cartografx só precisa estar atentx a desenhar os limites, as superações, a qualidade e potencia das forças para que contextualize sua pesquisa como efeito das relações de poder mostrando a ciência como forma de expressão dos interesses políticos dos coletivos. Deste modo, preocupar-se-á a cartografia em desenhar os contornos na medida em que for possível territorializar as relações provisoriamente. Este modo de pesquisar está ciente de que cabe à ciência mostrar como funciona a produção de verdades em dada sociedade, qual seu funcionamento e como as margens se definem. Não está em busca de uma totalização gnosológica, mas sim no levantamento de questões problemáticas para o conhecimento.

Ao que nos diz Foucault:

Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua política geral de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro (FOUCAULT, 1979, p.12).

Estes modos com que funcionam os discursos e a produção de legitimidade e verdade

é que serão cartografados, de modo que se construa questões sobre a relação educação do campo e gênero. Importa à cartografia que os modos de funcionamento, as sanções, as técnicas que fazem funcionar e legitimar as posições políticas desnudem o mapa das relações de força.

Na luta de produção do corpo, o encontro se fez potência de vida, corpos – mapas na luta resistindo às máquinas de sobrecodificação (DEULEUZE, GUATTARI, 1996), nós produzimos *CAPITU'S, Matambas, Ndandalundas, Kisangas, Zumbarandas*. Sem coletivo não resistimos aos ataques da máquina, no coletivo nos potencializamos e transformamos opressões em desejo de vida, tecendo e dando nó\laços nas linhas da costura desta colcha. O coletivo produz as micropolíticas que abalam as totalizações hegemônicas, por meio das ‘revoluções minoritárias’ que denunciam as estratégias de sobrecodificação. A operação se dá no funcionamento:

[...] micropolítica, ou seja, das questões que envolvem os processos de subjetivação em sua relação com o político, o social e o cultural, através dos quais se configuram os contornos da realidade em seu movimento contínuo de criação coletiva [...] pela necessidade de enfrentar a difícil elaboração conceitual e existencial da dimensão micropolítica, nos embates entre as forças que permeiam a produção da realidade. (ROLNIK, 2011, p.11).

*“Companheiras me ajudem, eu não posso andar só, sozinha eu ando bem, mas com vocês ando melhor”!* Não é fácil criar alianças e perceber-se no coletivo: exige esforços coletivos de elaboração e ruptura. É emantando essa ciranda que convido as companheiras para tecermos esta colcha, permitam-me entrelaçar linhas que tomo emprestada do longo carretel da história (recontar histórias é cria-las) para tecer essa grande e densa colcha. Que políticas de subjetivação estão sendo inventadas pelos movimentos de criação individuais e coletivos através das quais a vida se liberta de sua cafetinagem? (ROLNIK, 2011, p. 22).

Com o coletivo aprendi que a colcha pode e deve ser costuradas por várias “mãos”. No entanto, as provocações de potência, que o coletivo produz em mim é tecido com muitas dificuldades nesse trabalho, pois a todo momento sinto-me incapaz, sinto a produção do colonialismo tentando minar as forças, que lutam no corpo-mapa. O que me faz levantar de madrugada, abrir o cesto e continuar costurando a colcha? Como toda cartografia, ela foi se fazendo ao mesmo tempo em que certos afetos foram sendo revisitados (ou visitados pela primeira vez) e que um território foi se compondo para eles. (ROLNIK, 2011, p. 26).

## **2 - O FORRO: HISTÓRIAS BONITAS DAS PRETAS, APESAR DO SILENCIAMENTO**

Não sou muito boa de iniciar algumas coisas, mas é preciso dar um nó em determinado ponto da costura para que possamos cozer o forro da obra, que não fica ‘por baixo’, mas emenda-se aos retalhos num entrelaçar complexo onde reside os segredos da colcha artesã. Então vamos ao forro. “Ninguém nasce mulher; torna – se mulher”, (Beauvoir, 2016). No dicionário (BARSA, 2008, p.758), a palavra mulher tem o seguinte significado: 1.Ser humano do sexo feminino.2. Esse mesmo ser humano considerado como parcela da humanidade. 3. A mulher na idade adulta.4. Conjugue do sexo feminino; esposa. 5. Mulher dotada das chamadas qualidades femininas, como intuição, compreensão etc. 6. Amante, concubina. Vários substantivos/adjetivos/conceitos são utilizados para tecer o corpo da mulher. Vamos ao conceito:

O uso do conceito **mulher** traz implícito tanto a dimensão do sexo biológico como a construção social de gênero. Entretanto a reinvenção da categoria mulher frequentemente utiliza os mesmos estereótipos criados pela opressão patriarcal – passiva emocional etc – como forma de lidar com os papéis de gênero. Na prática aceita-se a existência de uma natureza feminina e outra masculina fazendo com que as diferenças entre homens e mulheres sejam percebidas como um fenômeno universal, sem que no entanto fiquem evidentes os motivos de sua ocorrência em diferentes contextos históricos e culturais (BAIRROS, L. 1995, p.459).

O que inflama no entendimento desse gênero? Aprendi que mulher tem que casar e ter filhos. Quem me disse isso? Não sei, sei que meu corpo foi determinado para algumas funções que as diferenças de gênero impõem e que estas se naturalizam como se não houvesse intervenção, historicidade e interesses políticos. Luiza Bairros (1995) diz desta mulher inventada e naturalizada para mostra-la como uma categoria é vazia quando não inserida política e historicamente. E esta mulher sem raça, classe ou cheiro não enxerga a luta das mulheres negras, mais antiga que o movimento sufragista. Angela Davis (2017) diz que em 1895 (cinco anos depois da fundação da General Federation of Womens Clubs), as mulheres negras já discutiam associação. Com elas entendia que o racismo das mulheres de classe média não lhes daria nenhuma oportunidade e, desde então criaram um movimento poroso,

aberto a todas as mulheres e às mais diversas pautas. O lema da National Association of Colored Women's Clubs era *Lifting as we climb* (Erguendo-nos, enquanto subimos). Era preciso uma grande frente para impedir o funcionamento do racismo.

Sem pautas específicas, cheiro e cor, mulher seria o que? Um efeito? Um gênero? E a falta dele (do gênero)? Se eu não me encaixasse em nenhum dos gêneros? O que mulher nos informa sobre gênero e sexualidade? Prestemos atenção nos movimentos dos corpos. Há sempre um caminho discursivo e tecnologias discursivas à apreender um gênero, nomear-lhe e incluir-lhe mesmo que seja às margens. Mais do que isso há sempre um gênero à apreender um processo que está em movimento de devir, tornando-se força minoritária, em constância de desterritorialização.

A costura da igreja católica sufocou por muito tempo o nosso grito de liberdade, até que o nó da linha se rompeu dando continuidade a outros pontos e bordados na nossa trajetória, trabalhos exploratórios não cabiam mais na nossa colcha, então, saímos para procurar novos artefatos para confecciona-la. Mas, quem falava por nós, mulheres negras? Acredito que nós, as pretas, já estávamos à procura desses artefatos antes mesmos das mulheres brancas pensarem em sair de casa. Claudia Pons Cardoso (2012) pontua que, na formação de uma memória única, foi-se criando um feminismo hegemônico e referente que acaba determinando, principalmente, quem fala pelo feminismo e qual é o sujeito do feminismo (CARDOSO, 2012). Neste afã, as lutas travadas pelas mulheres negras e latinas foram se marginalizando na teoria social de modo que seus discursos só recentemente vão sendo cartografados e constituindo uma(s) epistemologia(s) própria(s).

Na ruptura da linha nos fizemos resistentes, nos colocamos enquanto algodão, principal matéria prima para se fazer a linha da costura dessa colcha. Quem plantou e colheu na lavoura de algodão? Então, nessa época as mulheres brancas teciam os retalhos os quais acreditavam serem pioneiras nas lutas e rebeldes da época. Mas, onde estavam as guerreira e rebeldes pretas? Quem cartografou as suas lutas e rebeliões? Qual modelo se esperava delas para pensar suas vidas? Perguntas, que estão no entre lugar do forro da colcha. O modelo de feminismo poderia ter acolhido a mulher negra? Angela Davis (2017) nos diz sobre o alargamento da pauta e não do convite como forma de inclusão. Ela diz:

Esse processo não pode ser iniciado simplesmente com a intensificação dos esforços para atrair mulheres latinas, ou afro-americanas, ou asiáticas, ou indígenas para as formas organizacionais existentes, dominadas pelas mulheres brancas das camadas econômicas mais privilegiadas. As preocupações específicas das mulheres de minorias étnicas devem ser incluídas na pauta (DAVIS, 2017, pag.19).

Vamos aos retalhos do forro que estão visíveis. Foi uma caminhada de muita luta e de castigos aplicados pela burguesia e pelo clero nas últimas décadas do século XIX na Inglaterra, quando movimento feminista furou o tecido da submissão e do silenciamento lutando pelo direito ao voto. Assim, foi construída a primeira onda do feminismo depois da inquisitória caça às bruxas e no nascedouro do capitalismo fordista.

O movimento sufragistas diferenciava -se completamente dos movimentos das mulheres americanas, devido à polarização do racismo e da segregação racial nos Estados Unidos [...] quase não há evidência sobre a participação das mulheres negras junto às sufragistas britânicas, ou como teriam sido tratadas se desejassem se unir ao movimento [...] Entretanto, apenas porque supostamente não há 'quase nenhuma evidência de mulheres negras no movimento das mulheres britânicas' não significa que deve haver rejeição da discussão sobre a escravidão, racismo e imperialismo na Europa – que ocorreu antes, durante e depois do movimento britânico do sufrágio. ( JAIMEE, 2015 apud GUSATTO, 2017).

Nossas companheiras foram para as ruas, sangraram e morreram até conquistar o direito ao voto em 1918. Onde estavam as companheiras de cor? Foi feita mais uma costura nesta imensa e densa colcha no Reino Unido, com as mãos de muitas mulheres da época resistindo à opressão machista. Nas entrelinhas (e entretelas) iam tecendo a colcha da liberdade de expressão, as quais muitas vezes, ceifaram a vida de muitas mulheres, como foi o caso de Emily Davison no ano de 1913, que se jogou na frente de um cavalo em um evento famoso em Derby o qual o Rei desfilava. Acredito que, aquela roupa que a senhora Davison usava passou pelas mãos das minhas antepassadas, lavada, engomada e passada. Vestida, ela escolheu o alvo, a companheira decidiu se lançar o corpo em protesto à anulação do ser feminino: mais um nó foi dado na linha que tece nossa história. Com essa atitude de doar a sua vida pela luta do direito ao voto, depois de cinco anos foi liberado para as mulheres brancas no Reino Unido, no ano 1918. E as mulheres negras e não brancas, o que fora conquistado/ liberado?

No tecer do tempo, surge o filme retratando como aconteceu a luta das sufragistas. Criei expectativas para cartografá-las. Signos que indicam que algo acontece, que há uma processualidade em curso (KASTRUP, 2010, p. 39). Ao começar assistir a obra, no decorrer do longa-metragem, senti uma agulhada, dessa vez não foi na mão que tece a colcha, mas sim

no corpo-mapa. Mais uma vez me transporte para visitar as companheiras da época do movimento sufragista. Senti o calor das grandes lavanderias, senti a rejeição das mulheres brancas para não compartilhar o mesmo banheiro, senti as queimaduras das companheiras no fundo das cozinhas das senhoras brancas, senti no bolso que ganhava menos da metade das mulheres brancas (quando estas ganhavam e nós nem acesso tínhamos), ouvi os choros dos filhos das senhoras, enquanto os nossos ficavam a mercê. Nossos corpos eram racialmente inferiorizados por conta de um projeto de branqueamento e eliminação do povo de cor reforçado pelo modo de produção capitalista, mas não dali nascido. A resistência do feminismo, fundado a partir da socialização do trabalho e da produção não era capaz de nos enxergar como sujeitos, ainda que o paradoxo estivesse presente a todo tempo. A política tradicional não poderia tomar estratégias tão dissonantes como as das pretas como estratégias políticas. Entrelaçando com a colcha, a JAIMME diz que:

Nota a Streep, seus companheiros de elenco, aos produtores de Suffragett, Time Out e mulheres brancas em geral: Parem de branquear a história a fim de criar uma utopia feminina branca para a liberdade e a igualdade, na qual mulheres negras e outras mulheres não brancas são excluídas. É imperativo que o poder de mulheres negras na Diáspora, suas vozes, tribulações, e os triunfos sejam excluídos a fim de elevar todas as mulheres, vocês tem que incluir os interesses de mulheres negras também ( JAIMEE, 2015 apud GUSATTO, 2017).

Esse retalho foi costurado com linhas de silenciamento e revolta por imperceptíveis, algumas vezes, perceptíveis em outras, técnicas de invisibilização. Pois, silenciar e invisibilizar o corpo-mapa da mulher negra e do campo é mais fácil que dialogar com ele, como lidar com o diferente? Já que o feminismo não conseguia costurar com os nossos vieses, buscamos estratégias e mecanismos de sobrevivência dentro da diáspora que vivemos. Para isso o retalho que não poderia faltar nesta colcha é o da interseccionalidade, esse retalho multicolorido vem costurado ao estudo do entrelaçar ou intersecção de identidades sociais e sistemas relacionados de opressão, dominação ou discriminação do ser mulher. É a união de retalhos (conceitos): gênero, raça e classe social, esse retalho interrelaciona as questões que perpassam/transbordam o corpo-mapa da mulher negra e do campo. Na tese de Cláudia Pons Cardoso, ela chama para a costura autoras como: Kimberlé Crenshaw, Audre Lorde e Bell Hooks e no Brasil chama Lélia Gonzales para costurar os retalhos da luta nacional. As autoras dialogam com mulheres negras, não brancas, indígenas, camponesas e todas que constituem a minoria, onde predomina a diferença no corpo-mapa. Buscando refletir os

afetos que marcaram e demarcaram o lugar desse corpo-mapa, buscando espaço de poder, questionando os dispositivos que acionam o silenciamento, marcando presença nos espaços que não foram pensados para nós, mostrando que esse corpo-mapa é tão frisado e rasgado pelo machismo, pelo racismo e preconceito de classe. Os mecanismos de poder não conseguiram abarcar as nossas particularidades, o movimento feminista majoritariamente realizado pelas mulheres brancas não conseguiu nos representar, pois os nossos sangues são vermelhos, mas a cor da pele, a textura dos cabelos são outros. Não aceitamos os lugares vazios deixados para nós. Esses lugares invisíveis que nos provoca a buscar estratégias de sobrevivência e resistência. Para isso CARDOSO ( 2012), costura com algumas estudiosas que:

Alinho-me com aquelas(es) pesquisadoras(es) que defendem raça como categoria sociológica analítica com potencial para fornecer uma investigação acurada do racismo e da discriminação racial no Brasil. Em especial, ratifico a visão de Nilma Lino Gomes (2006), por destacar a importância do significado político dos símbolos culturais expressos por mulheres e homens negros. Estes símbolos, percebidos, por exemplo, nos cabelos, nas roupas, nos adereços, na religiosidade professada, impactam a sociedade, ao realizarem a presença da multidiversidade étnico/racial, ao mesmo tempo em que exigem uma tomada de posicionamento em relação a estas diferenças, seja de respeito ou de manifestação do preconceito. Os símbolos culturais serão transformados em elementos de ação política [...] .(p. 53).

Estávamos lutando, nós mulheres negras, índias e camponesas, utilizando estratégias que dialogavam com as nossas comunidades e preservavam nossas diferenças. Nos afastamos do modelo de luta das europeias e norte americanas, por não nos caber dentro da colcha delas, o nosso retalho é molecular, tem movimentos de lida com a terra, e todos os elementos da natureza, movimentos de não aceitação ao gênero/ binarismo, movimentos de subjetividades. Não conseguimos nos moldar aos tecidos delas, não por incapacidade, mas por não querer costurar algo que não nos sentimos representadas. As nossas lutas vem desde antes de nascermos, fomos/somos forçadas a nos posicionar para o machismo, o racismo, e a divisão de classe, para não nos silenciar, e mesmo nos posicionando ainda assim, somos mortas.

Como as hierarquias raciais no plano discursivo são constantemente criadas e reafirmadas? Como os racismos se atualizam, conforme o contexto histórico, para continuar operando? Como se constituem os processos de opressão a partir das diferenças étnico/raciais? Para o reconhecimento do modo como diferentes eixos de



opressão se configuram produzindo desigualdades e situações adversas de múltiplas discriminações a grupos específicos de mulheres, é de grande utilidade o conceito de interseccionalidade, uma vez que permite analisar e compreender a complexidade destas realidades sociais. Este conceito foi forjado, nos anos 1980, por feministas negras norte-americanas preocupadas em entender os sistemas de dominação formados a partir do modo como raça, classe, sexualidade e gênero se interligam. (CARDOSO, 2012, p.54).

Nossas estratégias diferentes daquelas que são construídas pela política feminista norte americana e europeia foram sendo legitimadas pela extensão e aprofundamento de nossa luta . Legitimamos o nosso lugar de fala, que, por muito tempo, foi roubado, silenciando o nosso direito de falarmos de nós mesmas, afirmar nossa história. A política de silenciamento não bastou para anular a nossa trajetória de luta. Resignificamos os movimentos sociais e produção acadêmica, borrando toda produção da figura fragilizada ou objetificada a que nos enquadravam.

Tornar-se mulher, o/e tornar-se mulher–negra- que desafia até a proposta de feminismo na qual Beauvior está inserida, se dá por meio de processos que riscam e demarcam as nossas vidas no que tange o meio que vivemos, nesta colcha os diversos retalhos tem em seus encruzamentos de linhas devires e devir mulher que foram construído na/pela cartografia, pois, a experiência de ser e torna-se mulher se dá nas relações do coletivo e como dialogamos com essa sociedade que só nos nega o direito de reconhecimento político.

Considero essa formulação particularmente importante não apenas pelo o que ela nos ajuda a entender diferentes feminismos mas pelo que ela permite pensar em termos dos movimentos negro e de mulheres negras no Brasil, este seria fruto da necessidade de dar expressão a diferentes formas da expressão a diferentes formas da experiência de ser negro

( vivida através do gênero) e de ser mulher (vivida através da raça) o que torna supérfluas discussões a respeito de qual seria a prioridade do movimento de mulheres negras luta contra o sexismo ou contra o racismo? Já que as duas dimensões não podem ser separadas. Do ponto de vista da reflexão e da ação políticas uma não existe sem a outra. ( BAIRROS, 1995, p.461).

Para pensarmos sobre a subjugação provocada pelos mecanismos de poder e dominação, nós, mulheres negras, agimos politicamente diferentemente do que está majoritariamente posto na sociedade, não nos costuramos à política hegemônica, pois, o nosso

pessoal foi e sempre vai ser político e crítico. Há desafios que o gênero nos faz e que desconstruímos a todo momento: o estereótipo de mulher negra 'forte' rotulado pelo machismo. Somos sim fortes, mas também precisamos ser amadas e não gostamos da solidão que nos acomete e nos produz cada vez mais (esse retalho é muito caro para mim, ficará para a próxima colcha, por enquanto ficará guardado no diário de campo). Cansamos de ser a 'mula' de carga, fazendo analogia ao termo que Lombroso e Nina Rodrigues utilizara para classificar as mulheres negras que não engravidavam. Tristes homens, não sabendo que utilizávamos de chás de folhas para não parir de atos de estupros e, principalmente, de seres inescrupulosos que residiam na casa grande: estratégias de sabe-poder. As opressões mudaram de roupagem, e para isso precisamos nos atentar para criar estratégias e formas de lidar com elas. Assim, BAIRROS dialoga com HOOKS no que tange esses enfrentamentos:

Bell Hooks destacada, feminista afro americana corretamente afirma, o que as mulheres compartilham não é a mesma opressão mas a luta para acabar com o sexismo, ou seja, pelo fim das relações baseadas em diferenças de gênero socialmente construídas. Para os negros é necessário enfrentar esta questão não apenas porque a dominação patriarcal conforma relações de poder nas esferas pessoal, interpessoal e mesmo íntimas, mas também porque o patriarcado repousa em bases ideológicas semelhantes às que permitem a existência do racismo a crença na dominação construída com base em noções de inferioridade e superioridade. (BAIRROS, 1995, p.462).

Como é que o gênero funciona nas relações sociais humanas? Como é que o gênero dá um sentido à organização e a percepção do conhecimento histórico? As respostas dependem do gênero como categorias de análise.(SCOTT, 1995) e de como esta categoria transforma-se em espaço político de luta estratégica, e esta construção se deu de forma relacional. No caso de “gênero”, o seu uso comporta um elenco tanto de posição teóricas, quanto de simples referências descritivas às relações entre os sexos” (SCOTT, 1995, pag 4). A autora nos oferece um retalho pequeno e importante para nossa colcha, desnaturalizando as relações quando diz que “o gênero é a forma primeira de significar relações de poder” (1995, pag 14), um campo primeiro no seio do qual ou por meio do qual o poder é articulado” (idem, pag.16), quase nunca assim percebido.

No Brasil no ano de 1910 estava retornando uma das principais linhas de costura da primeira

fase do feminismo no País a bióloga Bertha Lutz, a frente do movimento *sufrajetes* que ajudou a costurar o retalho do direito ao voto, após dezessete anos de luta a companheira com a ajuda de outras fundou a Federação Brasileira pelo Progresso Feminino, e dentre essas costuras, as brasileiras conquistaram o direito ao voto no ano 1932, no mesmo ano que foi lançado ao público o Novo Código Eleitoral Brasileiro.

No tecer dos retalhos as mulheres camponesas tem o importante trabalho nesta colcha artesã, de borda-la com linhas amarelas, marrom e verde, que logo se mostra no forro e nos retalhos lisos, lindos girassóis, que foram plantados pelas mãos de mulheres potentes que transbordam de multiplicidades. No texto de Iara Aquino Henn a autora tece acerca dos deslocamentos sociais alcançados por mulheres agricultoras, mediante participação em processos de construção da agricultura ecológica, tendo como localidade estudada o território sudoeste do Paraná. Um dos dispositivos que desterritorializou as mulheres camponesas foi a revolta dos Colonos, que enquanto revolta armada levou camponesas e camponeses à luta contra injustiça de cobranças indevidas sobre a terra dos colonos. Esse agenciamento de forças movimentou a luta camponesa que ocorreu no ano de 1957. As mulheres continuaram a luta, agora fora de casa, aos arredores da casa e depois da ‘guerra’ os agenciamentos teceram a trajetória dessas mulheres, para visualizar este retalho, a autora HENNA, 2013 traz que:

Nos encontros e nas entrevistas, elas me mostravam, por reflexão de suas vivências, que, depois da “guerra”, continuaram a promover rupturas e deslocamentos sociais em expectativas de comportamento, mudanças que *a priori* diferenciam pelas confusões dos limites ao que é atribuído ao homem ou à mulher. Por exemplo: pela participação em organizações sociais ocupando cargos até então exercidos majoritariamente por homens; ou nas construções de *projetos de vida* nas *Unidades de Produção e Vida Familiar (UPVF)*. (HENNA, 2013, p. 68).

As mulheres saem para a luta utilizando de suas forças colhidas em sua constituição minoritárias, por isso micropoderes, fissuras resistentes, para bordar os girassóis da colcha da vida, mutações, escarificações necessárias para potencializar ainda mais as linhas e agenciamentos, e a introdução do modo de produção de novos desejos veio intensificar ainda mais essa deriva, intensificar a sensação de terremoto que daí advém e que frequentemente abala os territórios da alma. (ROLNIK, 2011). Seja, nas feiras livres, na roça, nas associações, em casa, grupos de mulheres, projetos, escolas, estamos lá, lutando “procurando” vizinhanças para afetar e sermos afetadas pelo que nos move, nos construímos mulher-mulher-negra, tudo se reúne num bloco de devir

assimétrico, um ziguezague instantâneo. (DELEUZE, 1997a, p.62), fazendo do devir um processo de forças minoritárias, que nos impulsiona a viver. Passamos por/entre todos os elementos que compõem a nossa construção de corpo-mapa, fluidos que atravessam o corpo e não resistimos pois, na pausa de fazer a comida, uma ida a roça, ao olhar o vôo de uma borboleta azul, sensações indescritíveis, ao ler um projeto, o pouso da borboleta na flor do sabugueiro, então esses encontros, esses intervalos que:“ a questão não é a da organização, mas da composição; não do desenvolvimento ou da diferenciação, mas do movimento e do repouso, da velocidade e da lentidão. A questão é a dos elementos e partículas.(DELEUZE, 1997a, p. 35).

A situação da produção do gênero dentro do campesinato a autora borda no caule do girassol, mostra ela o que as mulheres camponesas borraram quando diziam de sua ausência pública. Mostra que elas passaram a costurar mais girassóis na trajetória de mulher do campo. Atravessaram as normas e teceram outros acessos nas suas localidades, através de movimentos e são lideranças em diversos setores que compõem o coletivo sócio político da localidade estudada.

As mulheres lutaram pela concessão de créditos, construíram o caminho para borrar toda a visão machista que tentou impedir o avanço delas nas linhas da agricultura com base ecológica: o que é ser mulher na agricultura ecológica?(HENN, 2013). É se fazer potente diante do ressentimento, construir modulações de poder no corpo-mapa que fortificou e engendrou a máquina de produção de devir-mulher. Mesmo com rotina de trabalho extensa, conseguimos entrelaçar os desejos de autonomia por entre o sistema capitalista e patriarcado.

Venho de uma família orientada e administrada por mulher do campo, corpo-mapa, cheios de tecidos de potência e de movimentos de afetos. Mainha ficou viúva cedo e com sete bocas para dar de comer. Foram as lavagens de roupa, as faxinas, trabalho fora em órgão público, função: agente de limpeza, e a venda de ovos trazidos da roça, esforço repartido com muitas companheiras do campo que nos sustentou. Ora, se todos os devires já são moleculares, inclusive o devir-mulher, é preciso dizer também que todos os devires começam e passam pelo devir-mulher.. é a chave de todos os devires.(DELEUZE, 1997a, p.61).

### **3. PEDAÇOS DE RETALHOS TECIDAS COM LINHAS DE DEVIR: RESISTENCIA AOS AFETOS TRISTES DA VIOLÊNCIA**

“A noite não adormece nos olhos das mulheres a lua fêmea, semelhante nossa, em vigília atenta vigia a nossa memória.” (EVARISTO, 2008, p.21).

Na caminhada percebe-se a cicatriz bonita e marcante dos pés de quem a faz. Por vezes, as cicatrizes são as únicas pistas da memória. Mametu Matamba é o vento que me abraça e me levanta quando o chão me falta. Caminhei tecendo a colcha de retalhos que construímos coletivamente na minha vida de mulher negra, da roça, guerreira incansável, de pisada firme e fé inabalável, filha de vaqueiro e de mulher do campo. A estrada desenhou o caminhar com efeitos e afetos tecidos com fios da resistência, daqueles que riscam o corpo\pele a qual habita. Mainha mostrou o quanto desafiava a lógica colonizadora, pela independência financeira e por trabalhar fora de casa, assim, me fiz nova, seguindo os passos traçados pela matriarca:

[...] Sem muita dificuldade, logo notamos que a densidade dessa pele é ilusória e efêmera é o perfil que ela envolve e delinea. A pele é um tecido vivo e móvel, feito das forças fluxos que compõem os meios variáveis que habita a subjetividade: meio profissional, familiar, sexual, econômico, político, cultural, informático, turístico etc. Como esses meios, além de variarem ao longo do tempo, fazem entre si diferentes combinações, outras forças entram constantemente em jogo, vão mistura-se às já existentes, numa dinâmica incessante de atração e repulsão. (ROLNIK,1997, p. 26).

A pele não é representação; é fabricação de nuances entre a vida vivida, a palavra dita, a escarificação feita, a negritude, a relação das forças que nos compõe mulher. No entanto, o que cruzara o caminho? Que forças são essas instituídas 'pele'? A violência que marcou a ferro e fogo meu corpo de mulher negra, a mesma se fez potência que me fortalece para seguir coletivamente na luta com as companheiras. Estas mesmas cujos braços fortes curados pela terra fogem aos padrões, e cuja negritude na pele se acentua após o arado de cada dia. Trata-se

de um fora e um dentro que revelam os movimentos e momentos escarificadores. Trata-se de forças vitais produzidas na relação de forças e que reafirmam a vida, nutrem a pele e fazem dela uma nuance das forças que constitui o sujeito.

No casamento fugi do algoz que quisera minar a força que herdei das referências de mulheres que tenho. Resolvi fugir com o documento de identidade e vinte reais no bolso, saindo e deixando pra trás tudo aquilo que se transformava em nada diante de todo o sofrimento vivido. No dia que tranquei aquele portão e joguei as chaves na varanda estava saindo do casulo, borboleta, livre para voar, minhas pisadas tinham a força de um búfalo, sem ameaças, sem violência psicológica, nem física nem material. Tecidos revestidos de resistência, suor e sangue que me deram força e fé e esperança de que dias melhores, viriam. Nos passos firmes de mainha, espelhados nas estudantes do curso da educação do campo. Questiono-me: as mulheres do campo sofrem violências? O devir-mulher do campo, devém?

Devir é, a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão, as mais *próximas* daquilo que estamos em vias de nos tornamos, e através das quais nos tornamos. É nesse sentido que o devir é o processo do desejo. (DELEUZE, 1997a, p.55).

Existe um caminho de linhas embaralhadas entre 'devir x violência' na costura da colcha, pois vamos desembolar as linhas, mas primeiro vamos costurar a renda dos dados que demarcam a violência do corpo-mapa da mulher no campo. Mas, antes é preciso dizer: a violência pode destruir o corpo mapa e obriga-lo a inundar-se de “afetos tristes” (DELEUZE, 1997b). São aqueles que nos assombam e nos roubam a potência, nos diminuem e nos fazem ficar no limiar. Não estão descartadas as insurgências e se estamos vivas é porque aconteceram, mas o devir pode cessar e, por causa da violência nos instalarmos num abrigo molar: um clichê, uma permanência sem vida, um esquecimento.

Uma das poucas informações encontradas sobre a violência da mulher do campo foi na pesquisa realizada pela CONTAG<sup>3</sup> no ano de 2008, durante a realização do evento – Plenária Nacional de Mulheres Rurais, que reuniu 529 mulheres de todas as localidades brasileiras e representantes e movimentos de mulheres como: Movimento de Mulheres Quebradeiras de Côco Babaçu, Movimento de Mulheres Camponesas, Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura, Movimento Articulado de Mulheres da Amazônia e

---

Marcha

<sup>3</sup> CONTAG (Confederação Nacional dos Trabalhadores Rurais Agricultores e Agricultoras Familiares). O sindicato é uma organização coletiva com legitimidade jurídica e institucional para defender os trabalhadores e trabalhadoras rurais e os seus interesses.

Mundial das Mulheres. Do governo federal, compareceram os Ministérios do Meio Ambiente; Desenvolvimento Social e Combate à Fome; da Agricultura, Pecuária e Abastecimento; do Desenvolvimento Agrário; a Secretaria-geral da Presidência da República e a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Essas organizações forneceram, através de suas participantes, os dados que ilustrarão essa pesquisa sobre o nível de violência no campo.

As nossas companheiras são violentadas sim, por mais que os aparelhos de estado queiram invisibilizar e apagar, dessa forma, ressurgimos e mostramos que existe violência no campo. Vamos aos dados: a pesquisa revelou que 55,2% das entrevistadas haviam sofrido algum tipo de violência. Destas, 21,9% foram vítimas de violência física, 51,1% sofreram violência moral, 27,3% sofreram violência sexual. Do total das mulheres entrevistadas, 27,6% responderam que haviam sido ameaçadas de morte, 11,9% haviam sofrido estupro marital e 4,3% foram vítimas de cárcere. A pesquisa revelou ainda que 63,7% das violências domésticas foram praticadas pelos maridos ou companheiros das vítimas, esses dados foram retirados do site da CONTAG, (a pesquisa feita no evento supracitado) e são antigos, retalhos que são cristalizados pelo poder político, atrelado ao machismo, sexismo e justificados pelo alcoolismo, teimam em fortalecer a violência invisível que assola nos mulheres negras do campo.

“Da luta eu não fujo”, essa foi a fala de Margarida Maria Alves, mulher do campo, líder sindical guerreira, que enfrentou muitas lutas e embates com os coronéis. Recebeu o aviso do que estava por vir, poucos dias antes dos algozes ceifarem sua vida, que tombou em sua própria casa no município de Alagoa Grande, no Estado da Paraíba, em 1983. Margarida marcou com a sua luta e os inúmeros processos que a constituíram e também constituíram a luta no campo. “Em seus anos de luta, nunca se registrou na Justiça uma só perda de questões trabalhista. Fruto de sua liderança, foram aproximadamente 73 reclamações trabalhistas contra engenhos e contra a Usina Tanques.” ( WOORTMANN, Ellen F. MENACHE, Renata, HEREDIA, Beatriz, 2006).

Mulher do campo destemida tombada pelo sexismo, machismo e autoritarismo e impunidade brasileiros: eu Margarida, tu Margarida, nós Margaridas, Vós Margaridas...que nestes “Brasis” ecoe aos quatro cantos os nossos gritos. A colcha teve esse retalho manchado de sangue-mulher da roça que deixou representatividade, mas tombou nas mãos ”homem”.

Margarida foi fulminada à porta de sua casa, que dá diretamente para a calçada, enquanto contemplava seu filho que brincava na rua. O assassino aproximou-se paralelamente à parede da casa e ao chegar em frente à porta disparou uma

espingarda '12', carregada com pregos enferrujados e chumbo grosso, contra a cabeça de Margarida. Devido à violência do impacto, o umbral da porta e as paredes da casa ficaram salpicados de restos de cérebro, sangue e pele... O assassino retirou-se calmamente de encontro a dois outros que o aguardavam, demonstrando muita segurança na impunidade garantida pelos poderosos mandantes. (CONTAG, 2012).

Percebe-se, a falta de continuidade no levantamento de dados que costumam essa parte da colcha. O silêncio parece incomodar só nós mulheres do campo e aos aliados à essa luta. Somos muitos e estamos juntos. Nessa mesma linha perdemos Roseli Nunes, companheira de luta pela reforma agrária e tantas outras que foram rasgadas no sentido de silenciar a força e todo o alimento e memória política que as nutria.

Senti grandes dificuldades em encontrar esses dados, que são parciais, locais, talvez desatualizados e não sistemáticos no que tange a situação da violência da mulher do campo. Lembro-me em uma visita a minha irmã Eliete na roça do lugarejo chamado “Pé de Serra”, de uma das suas filhas de santo pedir ajuda em determinada situação com o marido. D. Florinda<sup>4</sup> relata: “Mãe, ele chegou bêbado de madrugada, me acordou de baixo de porrada e falou que ia me matar, quando ele foi pegar o facão, levantei, acordei meus [meninxs](#) e corri pru mato, passei a noite escondida. No outro dia voltei pra casa de ponta de pé, ele estava dormindo, fiz a comida, ele acordou como não estivesse acontecido nada... não sei mais o que fazer...” (D.Florinda, 2009). No tecer desse retalho, a impotência é a linha usada, sendo que mesmo com o amparo e conquista árdua da Lei nº 11.340 de 7 de agosto de 2006, a famosa Maria da Penha, que trata sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher, mesmo com esse mecanismos nós mulheres ainda tememos aos agressores. Nas páginas da lei entrelaça que:

No Brasil do século XXI, a violência ainda atinge dois milhões de mulheres por ano. Uma brasileira a cada 15 segundos sofre com o terror doméstico. A todos cumpre mudar essa situação, que afronta não só o Estado, mas compromete o sentimento de justiça e dignidade do país. A Lei Maria da Penha é, efetivamente, um apoio na luta por um Brasil melhor, mais digno e mais justo para as nossas mulheres. (BRASIL,2006).

---

<sup>4</sup> Nome fictício para resguardar a integridade.



Esse fato não foi registrado em nenhuma delegacia, como acontece com milhares de mulheres do campo e também da cidade. Para amparar a Lei Maria da Penha, na data de 9 de março de 2015 a presidenta Dilma sancionou a Lei nº13.104, a partir da data supracitada incluindo o feminicídio no rol dos crimes hediondos, onde a pessoa é morta pela condição do sexo feminino. A realidade está mudando a lentos passos, enquanto isso, estamos sendo violentadas de todas as formas que a lei diz nos resguardar: fisicamente, moralmente, psicologicamente, etc. Naquela manhã, ouvindo o relato de D. Florinda, submergi na oralidade daquela senhora, de corpo franzino, cabelos longos, olhos esbugalhados de medo e respiração ofegante, o grito de socorro ecoou dentro do meu peito. O que fazer? A fé que embalava o corpo daquela senhora nas rezas que participava na casa de minha irmã, ajudou a mantê-la de pé e enfrentar a violência sofrida... o que nos precipita num devir pode ser qualquer coisa, a mais inesperada, a mais insignificante. (DELEUZE, 1997a, p.78). Poucos meses depois, outro relato: 'Mãe, diz o fulano que parou de beber, não sei, mas não confio mais nele.' A minha irmã, com voz serena e calma, fala: 'Tenho fé, que ele não vai tocar mais em você!' Neste dia o que me afetou foi em sentir calma no corpo-mapa daquela mulher negra do campo, em sentir o fortalecimento daquele corpo franzino, mais que ressaltava potência de vida, não como enfrentamento físico mas, buscando estratégias diante da fé que a sustenta. Você próprio é que terá de encontrar algo que desperte seu corpo vibrátil, algo que funcione como uma espécie de *fator* de como a (fe)tivação em sua existência.(ROLNIK, 2011, p. 39). Para cessar um afeto triste é necessário buscar no indelével uma aliança para vida, que advem daquilo que a coletividade constrói como afecção dos corpos, como entrada para a potencia e assim produzir uma forma de aliar-se novamente ao mundo (DELEUZE 1997b). Naquela tarde de domingo, voltei para casa de minha com um certo 'alívio' no peito. Contudo, as experiências precisam agenciar processos para que a força do movimento resista à violência cotidiana, retirando-a dos espaços privados para o público.

Hoje, entendo o que me provocou a escrever com as mulheres do campo, pistas na caminhada das mulheres da família e as mulheres que circulam a nossa existência no mundo, assim, seguimos tentando borrar e provocar os enquadramentos do sexismo.

[...] É que enquanto se está vivo se para de fazer encontros com outros corpos (não só humanos) e com corpos que se tornam outros. Isso implica, necessariamente, novas atrações e repulsas; afetos que não conseguem passar em nossa forma de expressão atual, aquela do território em que até então nos reconhecíamos. Afetos que escapam, traçando linhas de fuga – o que nada tem a ver com o fugir do mundo. Ao contrário, é o mundo que foge de si mesmo por essa linha, ele se desmancha e

vai traçando um devir – devir do campo social: processos que se desencadeiam; variações *infinitesimais*; rupturas que se operam imperceptivelmente; mutações irremediáveis. De repente é como se nada tivesse mudado e, no entanto, tudo mudou. (ROLNIK, 2011, p.49-50).

Nesta época tinha abandonado a escola, questioneei diversas vezes o porque nós mulheres sofremos tanto nas mão dos 'homens' que dizem nos amar? Trabalhei, completei meus estudos mais tarde, mas consegui estudar e ingressar na Universidade, onde me vi imersa em outros fluxos para continuar a costura da colcha. O que me doía transformou-se em força vital e desejo de vida. Esse transpassar do camelo de Zaratustra<sup>5</sup>, aquele ser que carrega fardos para o ser que diz não ao movimento de destruição e rugue bravamente (GIVIGI, 2009) não é fácil. Certamente todo carregamento de culpa e mágoa culturalmente comemorado por uma sociedade branca e cristã como prova de seu feliz martírio é algo difícil de se livrar para produzir afirmação. Transformar experiências ruins em passagens de vida é um trabalho coletivo árduo. Mas, no mesmo ano em que entrei na universidade conheci, através de afetos, o que viria a ser o CAPITU (Núcleo de Pesquisa em Gênero e Sexualidade e Diversidade). Nesta imensidão de afetos deixei-me deslizar entre\com nesse dispositivo que acionou mais uma dobra da minha pele e, por sua vez, potencializou a confecção conjunta de mais um retalho da colcha aqui presente.

A aliança com o grupo fez necessária na caminhada de mulher negra de luta, tornando-se a costura dos fios de resistência mais forte. Aliançar-se é construir um processo de desindividualização, onde seja possível se liberar do indivíduo proposto pelo liberalismo e perceber-se capaz de dar-se o nome (DELEUZE, GUATTARI, 1996). Sabia-me junto com as outras e por não estar sozinha na costura do forro e nem dos retalhos da colcha, a minha pele de mulher negra do campo, marcada pelo machismo, desdobrara para um movimento de dobra em que o fora e o dentro se alternavam. Com trocas de experiências e irmandade fui acolhida, produzi e fui produzida.

Este processo de criar-se é concreto e permanente. As relações de forças se movimentam em processos de subjetivação em que toda historicidade vai configurando-se a cada paisagem, num “sem parar” . Falo de um inconsciente que se derrama no dia a dia de modo que a vida se faz de construção e desconstrução.

---

Um tanto perplexos, damo-nos conta de que o dentro aqui, nada mais é do que o

<sup>5</sup> Maiores referências sobre esta discussão encontra-se no autor que constrói um sentido para a potência. NIETZSCHE, F. Assim falou Zaratustra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

interior de uma dobra da pele. E reciprocamente, a pele, por sua vez, nada mais é do que o fora do dentro. A cada vez que um novo diagrama se compõe na pele, a figura que até então ela circunscrevia é como que puxada para fora de si mesma, a ponto de acabar se formando uma outra figura. É só nesse sentido que podemos falar num dentro e num fora da subjetividade: o movimento de forças é o fora de todo e qualquer dentro, pois ele faz com que cada figura saia de si mesma e se torne outra. O fora é um “sempre outro dentro”, seu devir.(ROLNIK, 1997, p.27).

Diante todas as violações, que poderiam cristalizar a pele, me fortaleci pelo movimento que derrama o inconsciente por meio da máquina de fabricação da vida. Eu – outra figura sem figurações. Eu mulher. Eu preta. Mulher preta – devir. Como devém? O devir é sempre movimento coletivo de forças sem nome. É nesse sentido que devir todo mundo, fazer do mundo um devir, é fazer mundo, mundos, isto é, encontrar suas vizinhanças e suas zonas de indiscernibilidade. (DELEUZE, 1997a, p.64). Nos movimentos, agenciamentos no bailar do corpo-mapa. Em forma de cicatrizes tecidas pelo lápis do caminho me faço também, como a rocha passa pelos processos de endoginação e exoginação, entre/por, que me atravessa. O que me atravessa?

Os movimentos próprio dos devires, isto é as relações de velocidade e lentidão, os afectos, que estão abaixo ou acima do limiar de percepção são relativos, havendo sempre, portanto, alguém capaz de captar o que escapa a outro. (DELEUZE, 1997a, p.65).

A vontade de continuar lutando com as companheiras, para quebrar/borrar toda a violência que fora designada para o nosso corpo marcado e rotulado, pelo determinismo biológico:

Se a função de fêmea não basta para definir a mulher, se nos recusamos também a explica- lá pelo “eterno feminino” e se, no entanto, admitimos, ainda que provisoriamente, que há mulheres na Terra, teremos que formular a pergunta: O que é uma mulher? (BEAUVOIR, 2016, p.11).

Provoco-me todos os dias, sou experimento de mim mesma construída na coletividade para resistir, “se quero definir – me, sou obrigada inicialmente a declarar: 'sou uma mulher'.” (BEAUVOIR, 2016, p.11). Tecendo a colcha de retalhos que me constitui e misturando as

formulas que a norma me prega, sigo borrando-a. Contudo, é necessária a afirmação: sou uma mulher, ainda que borrando significados normatizados em significantes. Como a *bruxa*, tomando emprestado esse termo, segundo (apud CARDOSO, 2012 p.220), utilizo para que exista em mim componentes que circulam na alquimia, utilizo elementos improváveis para alguns, e que é vital para a mistura que perpassa minha existência. O devir-mulher atravessa essa colcha no sentido mais cíclico que a construção de devir-mulher negra do campo possa experimentar no corpo-mapa que transborda significações à espera de luta.

É talvez até a situação particular da mulher em relação ao padrão – homem que faz com que todos os devires, sendo minoritários, passem por um devir-mulher. No entanto, é preciso não confundir “minoritário”\_enquanto devir ou processo, e “minorias” como conjunto ou estado. Os judeus, os ciganos, etc...podem formar minorias nessas ou naquelas condições; ainda não é o suficiente para fazer delas devires. Reterritorializamos – nos, ou nos deixamos reterritorializar numa minoria como estado; mas desterritorializamos – nos num devir. (DELEUZE, 1997, p. 77).

Assim, não basta estar em situação de opressão, de vulnerabilidade, de negação para constituir processos minoritários. O minoritário está relacionado à resistência, a processualidade do devir, aos campos que não se territorializam em linguagem captáveis que fazem funcionar a máquina de sobrecodificação. A construção molar do macho é borrada pela potência de mulher com diversos devires, faces, faces... “Com a metodologia alquimista, aventura-se a construir uma narrativa, que é fruto do híbrido que nos cerca, sabendo de nossa implicação e explicitando nossa posição nessa construção.” (apud CARDOSO, 2012, p.221) , ou seja, a luta é vencer patriarcado que insiste em moldar e cristalizar o modelo de mulher como subproduto.

Produto final? Na fábrica da bruxa e nas mãos que tecem esta colcha, não existem receitas prontas e nem retalhos prontos. Vamos construindo-nos no caminho, enquanto o machismo guerrilha para que os processos se territorializem como modelos que fazem funcionar o mesmo machismo. Mas, mostramos que a receita pronta e o modo de fazer são também modos de produção da subjetividade, sejam eles guiados pela rigidez das figuras ou pela resistência à figuração , acontece na pausa da construção da colcha:

[...] O território formado pela relação que cada indivíduo estabelece com a irremediável inconciliabilidade entre o ilimitado movimento de forças que formam diagramas e a finitude dos mundos ditados por cada um deles. Por não ser possível

supera – la, tal inconciliabilidade define nossa condição como trágica – existe um mal-estar que nada pode fazer ceder, já que ele é a sensação provocada pela desestabilização daquilo que somos, sensação de nossa finitude. A experiência da desestabilização, reiteradamente repetida ao longo de toda nossa existência, é efeito de um processo que nunca para e que faz da subjetividade “um sempre outro”, “um si e não si ao mesmo tempo. (ROLNIK, 1997, p.31).

Assim, é preciso estar atenta que instabilidade não é um não-ser, um não-estar, mas a ânsia que provoca uma insurreição contra as formas, em favor do movimento, da luta, da estratégia cotidiana de não estar no lugar programado. Negociar com as normas e as tecnologias de poder que estão em exercício para produzir o corpo da mulher são, ao mesmo tempo, formas de questioná-las e de deixá-las em movimento. As práticas de poder circulantes que dão “sentido” ao devir-mulher lutam com as modulações que tentam nos enquadrar, tentando regular/enquadrar o sujeito dentro da norma, objetificando a mulher. Até mesmo o discurso de igualdade de gênero, e os parâmetros liberais dos direitos humanos podem disfarçar modos de estabilizar o feminino na subsunção das figuras-machos-molares e/ou tentando anular a figura feminina nas reconfigurações das violências de gênero.

[...] Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre – se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torna-lá objeto, vota-lá à imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito que se põe sempre como o essencial e as exigências de uma situação que a constitui como inessencial. (BEAUVOIR, 2016 p. 26).

Hoje, domingo, vinte e dois de Maio, dia do abraço, presenciei uma mulher do campo no seu exercício de borramento das tecnologias de enquadramento do corpo, através de jogos/discursos que circulam em um determinado espaço. A mesma dribla as normas a todo momento, borrando os regulamentos que bordam seu corpo de mulher dita normatizada. A negociação que presenciei potencializa que o devir mulher é bem mais que os atributos que foram direcionados propositalmente para determinado corpo dito como “frágil”, de um corpo que fora produzido meramente para a procriação, de um corpo que teve e tem funções diferenciadas de acordo com o andamento do capitalismo, um corpo molar, que se dissolve

em moléculas a partir do que devém.

“ Rsrrsrs...Cada uma, veja! Só porque sou casada, isso não significa que não possa usar short curto e nem tão pouco conversar com outros homens! “(Flora, 2016). Relato\desabafo feito por uma mulher do campo em meio à confraternização com seus\suas colegas de curso.

[...] Como pode realiza – se um ser humano dentro da condição feminina? Que caminhos lhe são abertos? Quais condizem a um beco sem saída? Como encontrar a independência no seio da dependência? Que circunstâncias restringem a liberdade da mulher, e quais pode ela superar? (BEAUVOIR, 2016 p. 26).

Trago, Beauvoir, para pegar na agulha para costurar esse retalho no intuito de provocar esse lugar do Outro que construíram para nos moldar enquanto seres inexistentes, violados e loucos quando não nos encaixamos nos discursos defendidos pela moral e bons costumes. Esse último atinge diretamente nós mulheres negras e do campo, pois, quando não conseguem dialogar com nossas diferenças, nos enquadraram na linha dos que não precisam ser ouvidos, “os loucos”. Esse retalho se estende\estica–se para uma futura colcha.

## 4 ENOVELANDO O TEMPO DA COSTURA, EU, RETALHO, ELAS, RETALHOS, NÓS, COLCHA: O QUE DIZEMOS DE NÓS MESMAS?

*“Vocês são tudo feminista... Feministas são muito radical, ...muito radicais... É assim... mais ou menos assim que eles impõe.” (Flor de Laranjeira, 2016)<sup>6</sup>*

No tecer da colcha, percebe-se os tipos de linhas e agulhas utilizadas na costura, isso não é classificação, e sim fluxos que se entrelaçam para fabricação do tecido utilizado nesta parte do trabalho. Trago no retalho central discursos que mostram os processos de subjetivação que compõem as vidas-corpos das discentes do curso, mostrando a força da produção da diferença, entre retalhos de diversos tecidos. Recorro, aqui, a produção de uma colcha artesã para pensar costuras (modos) pelos quais se pode compor metodologias. Neutralidade, não existe neste trabalho, pois faço parte da pesquisa e as linhas metodológicas que costuram esse trabalho são de cunho etnográfico. No tecer desta colcha, senti agulhadas, vontade de desistir, desvios, engodos, energia, olhares, desafios, enganos, potencia. Para costurar essa colcha precisei de ferramentas dobráveis e desdobráveis, algumas molares e tudo mais que torna possível a montagem/desmontagem dos retalhos. Uma ciência sem caminhos para, assim, deixar desejar múltiplas possibilidades de caminhar. Uma ciência sem modelos, em que o único paradigma permitido é o da invenção. (CARDOSO, 2012, p.220).

*“Há mais olhos que sono, onde lágrimas suspensas, virgulam o lapso de nossas molhadas lembranças. A noite não adormece nos olhos das mulheres, vaginas abertas retêm e expulsam a vida donde Ainás, Nzingas, Ngambeles, e outras meninas luas afastam delas e de nós os nossos cálices de lágrimas.” (EVARISTO, 2008, p.21).*

Enovelando o tempo cartográfico que pairou e teceu essa grande colcha, o ponto que

<sup>6</sup> Todas as entrevistadas estão sendo chamadas com nomes de flores, para manter a ética da pesquisa, bem como proteger a identidade das participantes.

costura toda colcha enreda a pesquisa qualitativa com observação participante e entrevistas semi estruturadas. Realizei a aplicação de 60 questionários, intercalando entre as turmas I e II do curso da educação do campo.

A aplicação ocorreu durante a semana do dia 6 à 10 do mês de junho, durante os dias, pedi ajuda aos professores para que me possibilitasse um tempo da aula para explicar sobre a pesquisa. No primeiro dia entrei em uma sala que estavam estudantes das I e II do LEDOC, entreguei os questionários á todxs, pois, os três professores presentes dialogaram e reforçaram o quanto seria importante a participação de todxs, sendo que nem todxs me devolveram, teve pessoas que me devolveram em branco. No segundo dia, fui na sala que estavam estudantes só da I turma, depois que expliquei, só alguns quiseram participar da pesquisa, a grande maioria dos homens se recusaram a participar da pesquisa. Nos dias seguintes tive a necessidade de imprimir mais questionários e termos, pois, muitos não voltaram, senti a necessidade de abordar de forma individual para explicar sobre a importância da pesquisa e tirar possíveis dúvidas. Tive avanços, significativos, contei com a ajuda de dois estudantes da II turma. Vale ressaltar que encontrei mais dificuldades na participação dos estudantes da I turma do curso. Nesses dias de negociação consegui a quantidade de questionários supracitada, sendo que só 30 assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, destes 5 foram homens. Das 25 mulheres, selecionei 10\_(utilizei os critérios de 5 ativas em movimentos e 5 semi ativas) bem como, embasada na questão de nº37 do questionário que diz: você já sofreu algum tipo de discriminação? A maioria responderam (sim) e a de gênero foi quase unanime. Das 10 mulheres convidadas compareceram na residência do LEDOC, lugar escolhido pelas participantes, das selecionadas apareceram para participar da dinâmica : Flor do campo (turma 1), Acuçena (turma 2), Flor de laranjeira (turma 2), Camélia (turma 1) e Rosa amarela (turma 2). As entrevistas foi provada por deslaçe do tempo universidade e tempo comunidade (o que caracteriza o curso do LEDOC) e também a correria de final de semestre das(os) entrevistadas, bem como análise do PPC do curso. Aconteceram entre os dias 16 e 17 de Junho do ano de 2016 e aplicação dos questionários, foram elaborados contendo 37 questões semi abertas e fechadas no intuito de não classificar, mas conhecer as/os participantes no que tange locus, ações desenvolvidas, atividades diárias, um diagnóstico não invasivo. É possível apreender a realidade? Em 14 e 15 de Junho do mesmo ano. Realizei uma dinâmica de grupo ocorreu no dia 16 de Junho a noite na residência do curso de licenciatura em Educação do Campo (LEDOC), em amargosa- BA. Realizei uma dinâmica em grupo. Compareceram cinco mulheres, a maioria participa de movimentos sociais, coletivos de mulheres do campo. Durante a dinâmica de grupo duas tiveram que se ausentar,



Acuçena, saiu com namorado que estava esperando impaciente preferiu sair com ele. Rosa amarela, recebeu uma ligação sobre a saúde do pai, e pediu para sair, pois, era grave a notícia... “No caso da cartografia, a mera presença no campo da pesquisa expõe o cartógrafo a inúmeros elementos salientes, que parecem convocar a atenção.” (KASTRUP, 2010, p.38). As discentes que participaram da pesquisa são também participantes ativas de movimentos sociais e semi ativas e lideranças em suas comunidades. Primeiro as convidei para participarem da dinâmica em grupo (produção da colcha artesã), Expliquei sobre o processo da dinâmica, cujo o intuito era para escolher um retalho e escrever no avesso do pano o que nos afetou/afeta enquanto mulheres na educação do campo. O que é essa presença de nós mulheres dentro do curso da educação do campo? Recitei três poemas, o primeiro é um dos que mais me afeta como mulher de Conceição Evaristo (A noite não adormece nos olhos das mulheres). Após a leitura do poema, supracitado, perguntei se elas queriam saber o que eu tinha escrito no meu retalho? Algumas falaram se eu me sentisse a vontade, poderia sim. Falei: *“o meu corpo foi marcado por violência doméstica e todos os dias eu sou violentada pelo meu esteriótipo, pelo meu corpo! Mas, me levanto todos os dias para vencer o machismo.”* Diante de tantos afetos, esse não durou muito tempo, logo fui levada a outro fluxo, logo veio cheiro de café torrado, me veio as lembranças da roça. Logo, logo conto. Silêncio... pairou na sala... elas, as três que ficaram na dinâmica começaram a remexer o saco de retalhos, cada uma escolhendo o seu e começaram a escrever, debruçadas sobre os pedacinhos de pano. Fiz a leitura do segundo poema, “cântico da terra” (Cora Coralina) enquanto elas escrevera nos retalhos. Flor do campo (2016), diz: *Não sei costurar!* Depois da leitura do segundo poema, olhares lagrimejantes. De repente uma voz corta o silêncio que pairava na dinâmica de grupo.

*“Assim, diariamente não sei se acontece com as meninas!? Diariamente somos assediada, né! Por pessoas que está lutando com a gente, que quando tá em público prega que é contra o machismo... que tá lutando contra isso! Mas, por de trás de tudo, né!? Tá sempre ali assediando, é... induzindo alguma coisa... Não induzindo... mas, de certa forma, né!? É... então, isso acontece diariamente, assim... a gente vê nos espaços, nas escolas em ambiente familiar, é... pessoas que se diz companheiro né!? Amigo, né!? E na verdade é pura hipocrisia mesmo, né!? Que eles acabam desconstruindo o que fala. E também mulheres fazem isso, muito. Então, é algo que temos que tá sempre debatendo mesmo. Porque é meio complicado” velho” é algo que tá no dia a dia mesmo”(Flor de laranjeira,2016).*

Essa fala surge como um desabafo, senti uma certa inquietação das outras mulheres que estavam a escolher seus retalhos. Os instrumentos que me acompanharam na tecitura desta colcha, produziu - me pesquisadora no que tange os desafios de uma pesquisa de cunho etnográfico. Cuidei para que as perguntas fossem bem explicitadas, as perspectivas teóricas e os conceitos que permitiu-me costurar-se-à juntamente com os retalhos e ao corpo das entrevistadas, me guiaram para ver e dizer o que sinto do/no processo de costura desta. No que tange o diário de bordo, a questão é, mediante ele, aprender a lidar, expor, a desdobrar, a jogar com nossas implicações, para que aquilo que produzimos seja uma extensão nossa e vice e versa. (BARBOSA, 2010, p. 36). Para tanto, sabia que costurar uma colcha artesã não seria “fácil” e nem gostaria que fosse, pois, seleciono os retalhos aqui costurados, ferramentas de investigação que é um trabalho manual de paciência para bordar e costurar desde do forro, renda e os retalhos. Esses, muitos faltando retalhos, outros sendo costurados durante a fabricação desta, assim, seguir, apreendendo nos intervalos que a produção me sedia. O que interessa na produção desta colcha em devires pós – moderno é problematizar todas as certezas cristalizadas na caminhada de nós mulheres do campo. BARROS, 2012, provoca acerca do método que:

Descarta-se a rigidez ainda que buscando permanentemente o rigor. Esse rigor, porém, tem que ser somado à alegria, à descontração, assumindo todos os riscos e as alegrias do experimentar, do juntar, do *processo alquímico*. Com ela, autoriza-se a ler o mundo de uma aula, de um currículo, de uma escola, de um artefato cultural, de um discurso com rigor e leveza, livres de rigidez de ter que classificar nossa leitura em método já pronto e completamente definido. (p. 222).

Os retalhos que estavam envolvendo este trabalho estava acompanhando os diálogos com as mulheres do curso, para observar acontecimentos, registrar ditos, gestos e emoções, perceber demandas e sensações, entender a dinâmica do cotidiano das mulheres do curso, anotando tudo em um diário de bordo. Anotei conversas das militantes, bem como entrevistas com algumas/alguns delas/es, anotações, relatos, atenção aos movimentos dentro do contexto universidade.

A atenção a si é, nesse sentido concentração sem focalização, abertura, configurando

uma atitude que prepara o acolhimento do inesperado. A atenção se desdobra na qualidade de encontro, de acolhimento. As experiências vão então ocorrendo, muitas vezes imediato [...] Assim, surge um encaminhamento de solução ou uma resposta ao problema; outras experiências se desdobram em microproblemas que exigirão tratamento em segredo. KASTRUP, 2010, p.39).

O retalho utilizado aqui é uma renda vazada, vermelha com branco-negro. Como diz mainha, “é mesclado menina!”. Caminhei acompanhando processos que riscam o meu corpo com as mesmas ferramentas que riscaram e riscam o corpo das mulheres pesquisadas.

Sendo a tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele de espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades de seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. (ROLNIK, 2011, p.23).

É muito 'caro' para mim falar de algo que me afeta diretamente, mas crio potência ao entender que existe um projeto de violência contra nós mulheres negras e do campo, neste ponto da colcha percebo a importância desse enlaçamento com a cartografia, acredito que a única metodologia a abraçar os anseios de um corpo-mapa. No encontro, os corpos, em seu poder de afetar e serem afetados, se atraem ou se repelem. Dos movimentos de atração e repulsa geram – se afetos: os corpos são tomados por uma mistura de afetos. ( ROLNIK, 2011, p.31). A mulher do campo dentro do curso é construída dentro das relações sociais, movimentos, lutas, dentro do regime patriarcado. As ações que as afetam circulam espaços comuns. Ao perguntar sobre as lutas, como se dá a relação entre elas e os homens? Ouço uma voz suave nos movimentos da escrita no retalho dizendo:

*“[...] A gente tem muito coletivo de mulheres assim... coletivo de mulheres da Via Campesina,<sup>7</sup> né? Que já tem um trabalho de mais anos assim, com as mulheres das bases, regiões, comunidades e a gente tem um grupo de mulheres da escola onde eu trabalho, aí, todo ano a gente faz o encontrão das mulheres né? É... Um desafio que a gente percebe assim, que a gente vem percebendo que acontece aquele encontro maravilhoso, as mulheres se empoderam, se... falam, participam do encontro,*

---

<sup>7</sup> A Via Campesina é uma organização internacional de camponeses composta por movimentos sociais e organizações de todo o mundo. A organização visa articular os processos de mobilização social dos povos do campo em nível internacional.

*manifestam suas indignações mas, quando voltam pra casa voltam para a realidade de antes né? Como se fosse... O encontro fosse só uma válvula de escape pra elas né? E a gente vem conversando assim, talvez a gente não tenha conquistado tantos avanços hoje no movimento feminista, nas lutas das mulheres porque, a gente tem feito muita formação para as mulheres e não com os homens...e não com os homens, e a gente as vezes esquece que pra que, pra... conseguir de fato o empoderamento das mulheres, é... junto temos que empoderar os homens, junto.”(Flor do campo,2016).*

No enlaçar das linhas as as questões vazavam em minha cabeça sobre as relações entre homens e mulheres no campo e a percepção relacional misturava-se às primazias que o patriarcado poderia ter naturalizado: as de que as mulheres são iguais aos homens – o que sempre oculta as diferenças hierarquizadas. Por que o empoderamento das mulheres pressuporia o dos homens? E de qual exercício de poder ela falava? O lugar do homem já não está instituído e não é a partir dele que se nomeia incluíse os outros lugares? Percebi a transição que nós mulheres fazemos nos movimentando dentro do lugar naturalizado o qual foi desenhado para tentar nos enquadrar. Tudo caminha até que a atenção, numa atitude de ativa de receptividade, é tocada por algo. (KASTRUP, 2010, p. 42)

*“[...] É... o que coloquei aqui...do que acontece comigo, é de tentar conseguir emprego e ele... o “carra” fala: “Não! Você não consegue! Eu só quero homem, você não serve... para isso!””(Camélia,2016).*

Nesse relato, percebi um certo tremor nos lábios da entrevistada, nova no caminho da militância, mulher potencializada com as lutas que desenham seu corpo -mapa, tecidas como ventosas de um polvo, que gruda e desgruda dos movimentos alimentando o devir. É necessário perceber como o poder toma outra forma e produz novas enunciações quando outras perdem seu efeito em meio aos conflitos e dispersões. ( CARDOSO, 2012, p.226). Sistemas de exclusão e silenciamentos existentes no discurso, lhe tiram o direito do não direito, excluem os que estão fora dos padrões discursivos autorizados a falar e legitimar o enunciado. Para FOUCAULT, 1998. Tabu do objecto, ritual da circunstância, direito privilegiado ou exclusivo do sujeito que fala: jogo de três tipos de interditos que se cruzam,

que se reforçam ou que se compensam, formando uma grelha complexa que está sempre a modificar-se, e tentando enquadrar o corpo da mulher nessas relações de poder.

Não se sabe onde começa e nem onde termina, lembra uma espécie de rizoma, será um rizoma? A subjetividade do cartógrafo é afetada pelo mundo em sua dimensão de matéria – força e não na dimensão de matéria – forma. ( KASTRUP, p.42, 2010). Ao serem questionada sobre quando elas se posicionam em sala de aula, como são tratadas? Percebo Flor do campo, mariscando entre as fitas, botões, retalhos, agulhas e linhas, como se buscasse início de algo, logo pega uma fita vermelha, e começa a dizer:

*“É... a gente pode contar coisas reais? Como eu estava comentando até mesmo antes. Peguei como exemplo o que você me falou agora, quando a gente estudou o componente do curso gênero e sexualidade. Aí, que você vê os depoimentos. É... Aí, você enxerga a profundidade do machismo que vai além, essas... trabalho, homem, mulher ....do trabalho que cada um executa e de que cada um pode e não pode fazer, né? Que a sociedade pregam das falas assim, até mesmo de ... de... dessa relação do aborto, do respeito com o corpo...do estupro. Pessoas falando assim, por exemplo, que... que... a mulher quando sai sozinha a noite, ela tá, ela tá sujeita a receber mesmo o estupro, né?’ E o homem? Quando sai, ele não tá sujeito? Qual a diferença? De por exemplo: das conversas sobre aborto, estupro as relações, o modo de se vestir das mulheres. Vejo os meninos falarem do modo de se vestir das mulheres... vejo os meninos falarem: ‘a mulher não pode se vestir com roupas curtas’... mulher que é pra casar e mulher que não é para casar’. Então, esses discursos, quando você vai vendo no decorrer né? Então, a gente acaba entrando na discussão e chega até determinado ponto... você para, porque, você vê que... que ali não tem resultado, você discutir... Não porque, você não quer discutir com aquela pessoa e não tem nada que possa fazer para mudar a opinião dele” (Flor do Campo,2016).*

Percebe-se o posicionamento do silêncio como resultado da violência. Fala-se porque se pretende a verdade, mas se as tecnologias são invalidadas pela naturalização dos gêneros, pela moralização dos jeitos, então “você para porque ali não tem resultado você discutir”. A frase denota o cansaço dos femininos em lidar com as violências que são, ao mesmo tempo, condições para o gênero. Então, colocam esses assuntos no rol dos silenciamentos. Enquanto isso, abortamos clandestinamente, somos estupradas e somos culpabilizadas pelas nossas vestes, somos classificadas: para casar e não servem para casar.

O cartógrafo testemunha o quanto elas estão se desterritorializando do lar, do ninho, da família. O primeiro sinal que ele nota é que as noivinhas estão mais na rua do que em casa. Mas logo ele percebe que a coisa vai bem mais longe: sua sexualidade está se desterritorializando da procriação. Suas amigas lhe falam de seus divórcios e de seus abortos(embora aborto ainda seja ilegal). Ele se dá conta de que tudo isso está destituindo o território materno de seu reinado exclusivo na “natureza” feminina e convulsionando inteiramente seus territórios amorosos. Um verdadeiro terremoto incubado, mas cujos sinais já se fazem sentir: as noivinhas perderam qualquer parâmetro. (ROLNIK, 2011,p. 88).

Trago Rolnik, para pensar a produção do corpo das estudantes da educação do campo nesta parte do retalho no que tange, a autonomia de decidir sobre seu corpo. Rolnik, utiliza as “noivinhas” como experimento dos processos de territorialização bem como desterritorialização e nas transições desses processos que a “ noivinha” adquire e/ou desmonta faces que sofrem mutações ao longo da cartografia sentimental. No coser da colcha daquela noite do mês de Junho, entre retalhos, agulhas, botões, fitas, suspiros, olhares, lágrimas e sorrisos, o que nos constitui em enquanto “retalhos”? *“Tem um poema que se encaixa perfeito com... com... essa fala de vocês!”(Flor de laranjeira,2016).*

#### SEJAMOS PUTAS

*(autora desconhecida)*

*Se você sai com um cara e transa com ele na primeira noite:*

*“Essa Puta é uma fácil”*

*Se você sai com um cara e não transa com ele na primeira noite:*

*“Essa Puta se faz de difícil”*

*Se você prefere roupas mais curtas:*

*“Essa Puta é uma exibida”*

*Se você prefere roupas mais longas:*

*“Essa Puta é uma hipócrita/ se finge de santa”*

*Se você gosta de beber:*

*“Essa Puta é uma bêbada, ridícula, sem moral”*

*Se você não gosta de beber*

*“Essa Puta é totalmente  
careta”*

*Se você gosta de falar de sexo*  
*“Essa Puta é vulgar demais”*  
*Se você não gosta de falar de sexo*  
*“Essa Puta só pode ser frígida”*  
*Se você fala palavrão*  
*“Essa Puta não tem educação”*  
*Se você não fala palavrão*  
*“Essa Puta é metida a*  
*certinha”*  
*Se você trabalha fora*  
*“Essa Puta não cuida da casa, do marido. Depois reclama se ele acha quem cuide”*  
*Se você não trabalha fora*  
*“Essa Puta é uma mercenária, fica coçando o dia inteiro, vive às custas do marido”*  
*Se você não quer se casar*  
*“Essa Puta só quer saber de dar pra todo mundo”*  
*Se você sofre violência doméstica e não denuncia*  
*“Essa Puta só pode gostar de apanhar”*  
*Se você sofre violência doméstica e denuncia*  
*“Essa Puta deve ter feito alguma coisa pra merecer, e agora ferra a vida do coitado”*  
*Se seu companheiro está num relacionamento extra-conjugal*  
*“Essa Puta não dá em casa, ele procura na rua”*  
*Se é você em um relacionamento extra-conjugal*  
*“Essa Puta paga com um par de chifres tudo que o coitado faz por ela”*  
*Se você não tem condições, engravida e resolve ter o filho*  
*“Essa Puta não se cuidou e agora põe mais um inocente pra sofrer no mundo”*  
*Se você não tem condições, engravida e resolve abortar*  
*“Essa Puta não se cuidou e agora quer tirar a vida do inocente”*  
*Essa*  
*Puta*  
*Essa*  
*Puta*  
*Puta*  
*Puta*  
*Puta*  
*Puta*  
*Puta...*

No final da leitura do poema, flor de laranjeira, olhou para cada uma de nós naquela dinâmica de grupo e enfatizou: *“puta...puta...puta...puta...”* “e seguiu esvaziando o peito com a palavra seca e pura da sua boca...” *Puta, puta, puta, putaaaaas... Sejamos putas, né? O autor*

*é desconhecido. Mas, ele se encaixa perfeitamente, né? No nosso dia a dia, que podemos fazer mil coisas e não fazer, sejamos sempre putas.!!!* “(Flor de laranjeira,2016). Enquanto a



conversa fluía a colcha sendo tecida pelas mãos das guerreiras camponesas, senti um certo alívio misturado com arrepios que atravessava meu corpo diante daquela voz, que acabará de filtrar-me com aquelas palavras que parecia sair das entranhas, das víceras daquela mulher do campo, como uma denúncia, uma reclamação, uma percepção de que era preciso alguma integridade e autonomia para constituir o que se chama luta do campo.

Traçando essa colcha percebo-me nos onde Margarida Alves, Roseli Nunes e tantas mulheres perderam a vida em resposta à negação dos nossos direitos que são dados em papel, mas na vida real são silenciados das piores formas possíveis. É algo que está em mim, que afeta, lembrei do poema de Cora Coralina, trouxe a dinâmica da colcha de retalhos, me percebi fragmentada, não como fraqueza, mas privilegiada em poder juntar pedaços distintos em prol de trabalho coletivo. O silêncio foi borrado com a subjetividade do corpo mapa.

*“Pedacinhos coloridos de cada vida que passa pela minha e que vou costurando na alma. Nem sempre bonitos, nem sempre felizes, mas me acrescentam e me fazem ser quem eu sou. Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior... Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade... que me tornam mais humana, mais completa. E penso que é assim mesmo que a vida se faz de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizados... haverá sempre um retalho, novo para adicionar à alma.” (CORALINA, 1889).*

Assim, o fizemos, pedacinhos coloridos fomos escolhendo os retalhos, ou eles nos escolhiam? Escritos no tecido, escolha da cor da linha, costuras entrelaçando o que fora transcrito, e assim a colcha foi se fazendo, acrescenta um botão, no meio a lágrimas e sorrisos. Sentia a costura dos sentimentos, adicionando resistência a alma, as diferenças é a nossa linha. Eu mergulhada em potência e ao mesmo tempo, escrevendo no retalho o que me afetava naquele momento, há tempo!

Depois, da lembrança de um amargo afeto, potencialize-me, lembrando das idas para a roça da nossa tia, chegávamos sempre perto do meio dia. Mainha nos deixava sentados na varanda em um banco de madeira, enquanto o café saía quentinho do fogo de lenha... éramos 'obrigados' a tomar o café do meio dia. Tia Ernesta, casada com vaqueiro, comanda a casa, a plantação ao redor da casa e os bichos pequenos, lenço cobrindo a metade da cabeça... em suas vestes uma mistura do cheiro da flor do campo com o aroma do café que acabará de ser colhido, secado e torrado pelas mãos enrugadas do trabalho na roça. Olhava para ela, pedia a bênção e logo corria, mulher forte, voz firme. Ensinou-me que os olhos mareados não é sinal

de fraqueza, é sim alimento para regar o chão para brotar potência. [...] O artifício seria, então, a própria 'natureza humana', se é que dá para se falar em algo assim; apenas não se trataria aqui de uma natureza pura que varia, mas de uma pura variação. E daria para concluir: não há natureza pura, só pura diferença. O artifício é a diferença nela mesma. (ROLNIK, 2011, p.37).

O trabalho cotidiano da roça, o olhar de chuva e as lágrimas de fertilidade são espaços de elaboração de estratégias que se desassemelham daquilo que pode ser chamado de 'enfrentamento', mas trata-se daquilo que tem mantido viva a memória de milhares de mulheres excluídas de espaços importantes, portanto são caminhos da política no cotidiano.

*“É quando a gente defende nossos direitos alguns ficam revoltados. Por exemplo na disciplina mesmo que a gente teve de gênero e sexualidade, daí quando eu vim da universidade para passar num quarto, teve um menino que falou assim: 'deixa ela passar, tem que ser cavalheiro'. O outro falou: 'Eu não os direitos são iguais.' Tipo assim, chegaram já mesmo revoltados, e á... tipo, não tem mais nada de cavalheirismo, direitos iguais são iguais.”(acácia,2016).*

Nesse retalho, as mulheres sabem e sentem os discursos que são lançados em direção aos seus corpos, percebem e sentem o lugar de privilégio que os homens do curso ocupam. Sentadas em círculo todo o material despojado no chão da sala, começamos a escolha, escolher os retalhos, escrever no avesso o que nos afetou/afeta enquanto mulher da LEDOC? O que a presença de nós mulheres dentro do curso provoca? O que as diferenças dentro da diferença provocam dentro da instituição?

*“Quando... fala assim, a questão da turma. Depois que ela falou...Percebi, era para ter escrito outra coisa no meu pano! Rsrtrs... Que foi mais impactante que... Talvez essa questão do meu pai por já ter superado, assim... Mas, que a gente vivência no nosso curso as vezes com algumas pessoas...aquele... não sei se pode ser chamado de pseudo feminismo, mas digamos assim, que as pessoas dizem não ter machismo, é ...nas suas falas enchem a boca para dizer que não é machista, mas nas atitudes e em algumas comparações que fazem, é... ou fala que faz se mostra machista, né! Porque tem essa visão, essa...porque machismo, ...não ser machista é simplesmente achar que mulher não precisa fazer comida, lavar roupa e que homem também podem fazer isso. E vai muito além disso, né! As questões, da... da...” das relações do jeito que você tá trabalhando é tratada o corpo da mulher né!? Vai muito além*

*das tarefas dos trabalhos que o outro desenvolve. E no nosso curso tem muito disso, a gente as vezes fica muito frustrada com as falas de alguns colegas, que as vezes até ofendem, mas a gente não fala para não criar muito conflito.” (Flor do campo, estudante LEDOC 1).*

Do método etnográfico, à costura dos retalhos da experimentação do devir mulher, para Rolnik, a tarefa do cartografo é a de dar línguas às forças que pedem passagem. (2016) Entre as costuras de cada retalho, sentimos a voz, gestos, olhares e anseios das companheiras que participaram na construção dessa colcha. Ao lançar as questões, olhares, pairando no ar, pois, dentro da costura tinham mulheres da primeira e segunda turma, dialogaram entre si. Ponto cruzado na produção da colcha o decalque do machismo no corpo mapa das entrevistadas.

*“Assim, diariamente...não sei se acontece com as meninas! Mas comigo, é... e também eu percebo que acontece com as outras pessoas também. Diariamente somos assediada, né! Por pessoas que está lutando com a gente, que quando tá em público prega que é contra o machismo que tá lutando contra isso. Mas, por de trás de tudo, né! Tá sempre ali assediando, é... induzindo alguma coisa... é... não induzindo, mas, de certa forma né! é... então, isso acontece diariamente, assim, a gente vê nos espaços nas escolas, em ambiente familiar, é... pessoas que se dizem companheiro né! Que eles acabam desconstruindo o que fala. E também mulheres fazem isso muito. Então, é algo que temos que tá sempre debatendo mesmo. Porque, é meio complicado 'velho' é algo que tá no dia a dia mesmo.” (Flor de laranja, estudante do LEDOC 2).*

Somos fruto do machismo, lutamos a cada momento para borrar o decalque que esse faz no nosso corpo-mapa. O assedio, como forma de vigilância e controle dos corpos femininos é uma experiência também destas mulheres do campo na licenciatura e elas observam isso na vivência com militantes homens que, embora engajados nos movimentos sociais operam as políticas de controle que normalizam os corpos. Obviamente a isso corresponde inúmeras políticas também para suas vidas, mas isso está em outro campo.

A cartografia traça, risca, desenha esse trabalho no intuito não de demarcar caminho, mas de acompanhar processos de subjetivação e resistência, as linhas utilizadas na costura da presente colcha são nômades, entrelaçadas com vieses de afetos, sobressaindo do forro aos retalhos, ora não se sabe o que é o forro e nem os retalhos, mistura essa que produz devires, na costura dos elementos que compõe a colcha. Olhava as participantes e me via em cada

retalho costurado. “[...] É o percurso do movimento de territorialização. E um outro traçado, inverso: ele vem do visível consciente, dos territórios, para o invisível, inconsciente, dos afetos escapando. É o percurso do movimento de desterritorialização.” (ROLNIK, 2011).

Na tessitura da colcha buscamos evidenciar os caminhos do/as educando do LEDOC. Encontramos costurado no PPC do curso na sua matriz curricular na área de formação sócio política o componente na linha de gênero e sexualidade na educação do campo. Que fica “embutido” no eixo temático II- educação e diversidade no campo, com apenas 51 horas de aulas.

Compreender nuances da diversidade do campo do ponto de vista das relações de gênero, sexualidade, tendo como um dos objetivos específicos:

[...] geração, questões ético-raciais, portadores de necessidades especiais e cultura camponesa, fundamentando a proposição de ações de mudança e de desenvolvimento agrário; Possibilitar a socialização de experiências educacionais e de desenvolvimento agrário que vêm sendo desenvolvidas de forma inovadora por movimentos sociais, organizações não governamentais, instituições públicas diversas, associação de agricultores familiares, etc;[...].

No tecer desse trabalho, queríamos compreender essa relação dos objetivos com o desenrolar do curso, Vejamos o que as companheiras do LEDOC, as que são participantes da pesquisa relataram durante o questionamento: Como você pensa que as diferenças são tratadas no debate na educação do campo?

*“Eu acho a intencionalidade, a qualidade que se trata dessas questões dentro do curso da educação do campo, em especial é pouquíssimo. Porque, nós do quinto semestre o único espaço que a gente teve de discussão foi o componente curricular gênero e sexualidade. A gente nunca é... a gente mesmo nunca se organizou a tentar construir um debate sobre gênero e sexualidade dentro do curso e quando eu falo em especial a gente da educação do campo, porque, a gente sabe que o campo, o espaço geográfico do campo e as pessoas que vivem no campo são muitos impregnados por esses preconceitos, por esses estereótipos que tem né? Da mulher e do homem, né? O que é coisa de mulher? O que é coisa de homem, né? O que a mulher deve fazer? Como ela deve se portar, né? Na sociedade, digo na cidade, precisa... é... precisa mais de condições de se libertar ainda do que na cidade.” (flor do campo2, 2016).*

Percebi em muitas falas as companheiras frizando acerca do pouco tempo de aulas sobre o gênero e sexualidade, sendo que o componente é optativo e não obrigatório e entendendo que isto era insuficiente para problematizar questões repetidas nas práticas “(...) gente sabe que o campo, o espaço geográfico do campo e as pessoas que vivem no campo são muitos impregnados por esses preconceitos, por esses estereótipos que tem né?” (flor do campo2,2016) . Que modos operar para que as naturalizações de gênero sejam discutidas? Não seria a ausência das discussões já uma forma de operação? Isto já não nos traz uma discursividade sobre gêneros que dificultam a movimentação dos devires? E como agir estrategicamente de modo que nossos movimentos sejam minoritários, resistentes e construtores de outra lógica. “[...] É papável para você em seu próprio corpo vibratil: nossa personagem, sabe, sem saber, que estão se operando silenciosos movimentos de simulação em novas matérias de expressão. [...]” (ROLNIK, 2011). Ao serem questionadas sobre se os homens da sala problematizam as posições de lideranças que as mulheres do curso ocupam?

*“Eu percebo isso mais dos professores.. dos professores homens do nosso curso, digamos assim, da... da... nossa sala, é... é.. eu sou umas das que as vezes puxa discussões né? Eu sou uma das representantes da minha sala. Então, as vezes eu percebo quando a gente puxa alguma discussão ou que a gente é... vai de contra a proposta do professor; aí, a gente manifesta contra isso, que aí, as vezes as mulheres que vão primeiro que falam mais, né? Se manifestam mais! Os professores nos olham assim... você vê nos olhos deles que... que... tipo assim, que tem um preconceito ali, né? É diferente com as professoras mulheres do nosso curso que mostra uma sensibilidade maior pra... pra essas questões. Você percebe até mesmo quando é aula de professor homem, os meninos eles não falam, eles não se manifestam. Na minha sala acontece isso! Eles apoiam mais os professores homens.”(flor do campo 1,2016).*

Então, a questão do machismo parece não afetar só as relações entre estudantes homens e mulheres do curso, mas também está engendradas na forma masculina da ciências/conhecimento/homens professores relacionar-se com as alunas. Elas percebem que eles usam tecnologias de silenciamento e/ou de invalidação de suas falas. Ao questionar sobre o que elas fazem quando o professor toma determinada atitude da citação acima, uma das mulheres fala em alto e bom tom: “Eu sinto que ele tá se garrando de ódio por dentro, por que eu tô falando, rrsrrsrrsrrs... silêncio...rrsrrsrrs...”(flor do campo 1,2016).

Silêncio... pairando a produção. As escolhas dentro desse emaranhado de discursos que teimam em classificar o corpo-mapa, o mesmo dribla ressignificando através de ações que os fortificam e vão para o "combate", mostrando ao sexismo que a roda da saia é bem mais rodada do que eles percebem no olhar simpliscista que lançam sobre o corpo-mapa. Ao provocar dizendo: vocês acham que os homens se sentiram ofendidos? *"Acho que ele não aceitou a gente lá debatendo, as mulheres lá se defendendo, acho que ele ficou revoltado."*(acácia 1, 2016).

*"Isso acácia fala, assim... é... tipo assim, a gente percebeu muito isso nas discussões desse componente. Porque, os meninos ficavam assim: ' Há! Então, agora se existe lei Maria da Penha, tem que existir uma lei do seu José, porque, também tem mulher que bate em homem, né?' Tipo assim, generalizando as coisas né? Se existe homem que bate em mulher, existe marco legal, né? E continuam: 'Pra disso, existe homem também que é estuprado, existe homem também que é... né, maltratado pela mulher... e não sei que lá...né?' Então, começasse a se generalizar com...geral... desqualificar essa discussão né? Sendo que, não é assim, porque, há uma discussão histórica do que se vem, não é de hoje, agora que se vem...que tá acontecendo essa violência, esse preconceito, esse estereótipo contra a mulher, né? É histórico né? Para a gente conquistar o que a gente tem hoje foi uma luta... muitas bruxas morreram aí, né? Pra gente conquistar um pouquinho que a gente tem hoje."*(flor do campo 1,2016).

Quando as mulheres se posicionam, muda-se o foco das questões e o jeito de lidar com os mecanismos da universidade. Mesmo diante do discurso de interdição que fora lançado dentro do dialogo bem como no processo diário que as mesmas enfrentam, há formas de questionar a produção de dados, a naturalização das diferenças, a historicidade das violências de gênero. Problematizando esse locus universidade, onde nós mulheres do campo podemos nos amparar diante de tamanhas violações? Quantas de nós já foram excluídas do curso? O tempo universidade é muito corrido e turbulento, passamos muitas vezes por situações e não temos como parar para resolver, pois, temos que dar conta de trabalhos, família, entre outros afazeres que normatizaram na figura da mulher. O problematizar que as integrantes do grupo abordam surge como potente retalho dentro do processo de subjetivação das estratégias, das relações entre as forças, algo que escapa da norma que decalca o sexismo, machismo e todos os ismos que insistem em nos enquadrar. Continuei com questionamentos no que tange a

relação a sala de aula. Ao perguntar como elas resolvem as situações de conflitos, surge a voz :

*“Eu diria assim, são conflitos mais camuflados, né? De picuinha não tem...tipo assim, ela flor de laranjeira é desses grupos, ela tem conflito com outro grupo que é de camélia que fala mal de grupo lá a outra fala mal do outro grupo cá. Não necessariamente seria um, conflito, seria uma coisa mais camuflada.”(Flor do campo 1,2016).*

Mas como não ver que se trata também aí de anular um só dos termos da relação e não, de modo algum, da supressão da própria relação? (FOUCAULT, 1998, p.6). Sigo os fluxos que a costura da colcha me transporta. Pergunto, ao grupo se na turma de vocês tem pessoas que não são heterossexuais para que isso evidencie se as normas de gênero são percebidas e se elas veem como isso irrompe interrompendo o devir?

*“ Assim...rsrsrsrsrs é assim... ela é uma pessoa, que... assim...como ver? Ela...tipo...não tem tanto... tanto... pelo menos o que nós percebemos... não vejo tanta agressão, discriminação com ela assim... porque, ela é uma pessoa que se impõe na sala mesmo. Eu não vejo muito isso não, mas, assim.. já por trás...rsrsrsrsrs... com certeza. Hum... rrsrsrs...”(camélia1,2016).*

A companheira da costura da colcha, relata sobre a pessoa, a mesma que encontrei na ponte e pedi para participar/respondendo o questionário do artigo, x mesm x que me indagou sobre o gênero. *“Hum... porque, se falar na frente ela se defende logo, se chamar 'ela' por exemplo, se chamar ela diz:'ela' não se respeite, é ele'. Ela não gosta! Senhora...se defende logo.” (Acácia1,2016).*

Intriguei-me com o “(...) já por trás” da fala de Camélia. Buscando o novelo das linhas, pergunto, e como é esse tratamento por “trás”? Como vocês percebem? Elas respondem:

*“Ficar comparando com o outro. E, assim...brincadeiras, e... piadas e tal pessoa... Essa coisa que leva sempre na brincadeira é uma coisa tranquila!”(Camélia1,2016).*

Percebi, uns risos de canto de boca, olhares flutuantes diante do caso que fora costurado, novelo das linhas do preconceito da diferença. Como é difícil lidar com o diferente,

se somos todas diferentes? Como a camuflagem e naturalização da violência por meio de “brincadeiras” ainda são utilizadas para maquiagem as violências daqueles que não se enquadram em nenhum gênero e como a “brincadeira” pode silenciar a questão dos poderes que circulam para garantir a normalidade dos sujeitos em detrimento à diferença de outros. A brincadeira, neste caso, mostra a percepção de inadequação.

Respirei fundo, e continuei, enovelando o assunto que surgiu, e por “trás” o posicionamento de vocês, quando ouvem essas “brincadeiras”, essas coisas que falam dessas pessoas.

O cartógrafo vai sendo tomado de perplexidade. Ele sente no ar uma mistura nebulosa de potência e fragilidade. Fica intrigado e quer entender o que provoca sensações tão paradoxais. Respira fundo, toma coragem, apela para seu olho nu e também para a potência vibrátil, não só do olho, mas de todo seu corpo. (ROLNIK, 2011,p 85).

Veio-me –a pergunta, qual o posicionamento de vocês? Vocês entraram no embate, tentando conversar com essas pessoas que fazem essas “brincadeiras”?

*“Assim, eu particularmente, é... em alguns momentos até sim, mas, em outros meio que não... em que percebo duas pessoas falando eu tipo... entrar ali para discutir eu acho um pouco difícil fazer isso.” (Camélia,2016).*

Dificuldades em transformar a “brincadeira” numa temática de discussão é uma das armas discursivas da “brincadeira”. As políticas heteronormativas embriçadas no curso, através das “políticas de corredores”, sendo legitimadas através das ditas “brincadeiras” que excluem, adoece e expulsam os corpos ditos “anormais”. O que funciona nestas “brincadeiras”, nos espaços de convivência dxs estudantes, do LEDOC, nas ações e discussões no tempo universidade? Inquietação que assola meu corpo – mapa. A forma como se organiza o discurso da injúria e da ‘piada’ faz emudecer outras estratégias que serão consideradas agressivas diante da inocência da suposta ludicidade. As Mulheres da turma I e II relatam entre si as possíveis diferenças nas discussões no curso sobre gênero e sexualidade.

*“Na nossa sala existe também. É mais ou menos aquele panorama que Camélia falou, que... que... só que tem uma diferença que... que... o menino da nossa sala não tem o mesmo posicionamento, empoderamento essas coisas assim... E as vezes eu tenho a impressão que ele gosta e a sala nunca se posicionou para defender em*



*relação as esses preconceitos, as brincadeiras... Eu tenho a impressão que essa pessoa gosta das brincadeiras... porque, ela... também ele nunca se manifestou contra as brincadeiras... mas, tranquila.” (Flor do Campo 1, 2016).*

*“Outra coisa também... É... tipo, assim, eu no meu caso, eu fico com homens e fico com mulher também. Tipo, a maioria não sabem... mas num é algo... eu não me considero “bi” ainda as pessoas que sabem as próprias amigas fazem resenhas e tal... tipo, eu levo na brincadeira, tá sendo pesada eu bem dou uma cortada. Falo: ficar com mulher é melhor do que ficar com homem porque, a mulher sabe onde tocar na outra, sabe, entende como é fazer um carinho na outra. Aí, eu começo a desconstruir isso, sabe? Porque, a galera não respeita a opção a orientação do outro. Isso é o que a gente tem que ir desconstruindo seja, que acontece com o companheiro ou com a gente mesmo a piadinha é diária mesmo.”(Flor de Laranjeira 2, 2016).*

A pessoa a qual uma das entrevistadas relata não participou desta coleta de dados, no semestre que a colcha foi tecida, não estava presente nas aulas. Depois de algum tempo encontrei perto da biblioteca do centro e conversamos, a pessoa me disse que tinha se afastado do curso por conta de problemas de saúde. Nos saudamos e seguimos a direções opostas. O que afetara aquele corpo-mapa?

Seguindo a tessitura desta colcha artesã, percebi que a todo momento discursos são produzidos e que a análise tem a tarefa de mostrar onde os pontos são feitos, onde se opera cada emenda, linha, ponto, retalho. Ou seja, mesmo com vieses aparentemente tão fortes entre os retalhos, busco destacar cada retalho costurado nesta colcha, regras, próprias da prática discursiva, (FOUCAULT,2005,p.56). Como é tratado a questão de ter pessoas não heterossexuais pelo Currículo da Educ. do Campo?

*“É... no meu ponto de vista a educação do campo veio para desconstruir mesmo né? Machismo, homofobia veio para desconstruir isso... A luta pela nova sociedade né? Sem preconceito que é muito difícil. Até porque, na Educação do campo veio sendo construída a partir dos movimentos sociais, então, cabe ao movimento né? A pesar que acontece muita homofobia acontece casos de machismo, mas enquanto a educação do campo quanto educação do campo curso eu acho que, mas veio para desconstruir, então veio para desconstruir, então há uma relação muito boa, assim... as pessoas de orientação sexual que não são heterossexual.” (Flor de Laranjeira 2,2016).*

A artesã olha minunciosamente cada retalho e pontos, bem como os bordados. Não estou em busca do início da linha que começou a costura da colcha, mas, trato ele não como início, mas como emaranhado de linhas/ enunciados que guiaram as mãos artesã no processo que construiu a colcha.

*“Me contempla com a fala de Flor de Laranjeira. No currículo em si é muito pouco porque, só existe um componente curricular em oito semestres que discute esse assunto.” (Flor do Campo1,2016).*

A entrevistada está se referindo a Gênero e sexualidade, o componente ministrado. Contudo, os discursos que produzem gênero não estão só nos componentes e o currículo não é só a composição de ementas do curso. As falas, gestos, dizeres, práticas dxs discentes e docentes estão aí produzindo vigilâncias e modos de operar gênero.

Isso me ajudou a entender que os discursos conduzem verdades e provocam efeitos naqueles/as a quem foram lançados. Sozinhos ou atuando em cruzamento com outros, de modo harmonioso ou conflitante, os discursos que compõem o currículo investigado atravessam alunos, alunas e docentes[...]. (CARDOSO, 2012, p.234).

Logo, trago um questão para quase finalizar os pontos da colcha, como é tratado a pauta de mulheres dentro do currículo do curso, já que trata-se de um curso concebido para receber futurxs educadorxs do campo, geralmente envolvidxs em movimentos sociais?

*“Não, não existe!!! Aliás, quando existe é meio forçado. Não existe dentro da pauta do currículo a gente que força e tensiona algumas situações as vezes nos momentos de místicas, nas discussões... Quando você estava perguntando eu me lembrei da fala de Damiana em um seminário por exemplo, né?( Damiana é discente do curso da educ. campo e militante) ela faz parte de Núcleo de Mulheres em Mutuípe e ela disse assim: 'As vezes quando a gente vai retratar por exemplo aos machos aos lutadores da, do nosso povo a gente sempre se retrata aos homens'. E ela deu um exemplo assim: ' Quando se fala em movimento Quilombolas a gente sempre fala em Zumbi mas, e Dandara? Né? A gente sempre as vezes se retrata mais aos homens lutadores do que as mulheres, a gente se retrata ao Che, mais e Aídê? Né? E Rosa do Chimburgo? Margarida Alves? Né? Qual é a luta dessas mulheres, né? (Flor do Campo 1,2016).*

E de fato, desde os relatos aqui escritos na tecitura desta colcha por parte das mulheres do curso, vem abordando questões que vai além da sala de aula e relação em grupo, abrange a estrutura do currículo do LEDOC, não como crítica, mas como provocação para pensar essa relação professor (a) alun(as), visando resignificar as práticas existentes para que possa cubri todos e todas independente da orientação sexual. Vocês que são lideranças, vocês se consideram lideranças na sala de aula? Por quê?

*“Eu acho que sim... assim, a gente tenta desconstruir essa lógica que tem que ter uma representante pra tá a frente da organização, então eu acho... Eu pelo menos me considero uma representante, uma que tá lá na frente nas organizações e as mulheres da minha sala em si né? Tão sempre tomando a frente nas organizações nas atividades” (Flor de laranjeira2,2016).*

*“É exatamente isso... na minha sala também tem é... acho que tem paridade lá. Pelo menos as pessoas que estão ficamos a frente por algum motivo... a gente trabalha com coletivo mas, tem que ter representante, mas tem a paridade...e eu me sinto representada.” (Camélia1,2016)*

*“Eu me sinto... eu vou utilizar o termo a palavra que você tá usando de liderança que você tá usando né? Liderança e inclusive eu vejo no curso da educação do campo uma presença muito forte muito marcante das mulheres de puxar, liderar de coordenar as coisas né? Bem mais que os homens, né? No nosso curso!” (Flor do Campo2,2016).*

Para legimar o lugar de fala, as mulheres que participaram da costura da colcha, se posicionam diante das questões que são abordadas no cotidiano do curso, para isso, percebemos que essa colcha bordou e costurou retalhos que podemos indentificar os principais desafios encontrados pelas mulheres em sala de aula, o enfrentamento do machismo, presença marcante das mulheres dentro do curso. E no processo de construção desta colcha podemos descrever as estratégias dos femininos para construção de sua identidade e legitimação, empoderamento do corpo, enfrentamento político.

As estratégias de participação e equalização as oportunidades não são suficientes para a alterar totalmente a relação entre homens e mulheres, mas delas não se pode abrir mão porque elas mudam a localização dos jogos de poder. Assim, perguntei, se diante das caminhadas de lutas e das atuações políticas. Como vocês definiriam a relação de vocês na sala de aula com seus colegas homens?

*“Bom, é... a relação pelo menos a minha com os meninos não só da minha sala como da sala das meninas também né? Aqui na residência mesmo acontece casos dos meninos falarem alguma coisa que é machista. Mas, tem muito menino né? Apesar de algumas atitudes, é... sempre tentando desconstruir o machismo junto com a gente, então, eu acho que assim mesmo né? A relação nossa é boa que a gente tá tentando desconstruir algo junto e o curso em si dá pra gente essa oportunidade de ir quebrando mesmo, até pelas, pelas nossas lutas no dia a dia, pela nossa trajetória de...de movimento social, de...de...”(Flor de laranjeira,2016).*

*“A minha relação, assim, com os homens não tem conflito, é... temos uma boa relação com todos claro, alguns mais afinidades do que outros...mas, tranquilo.”(Camélia1,2016)*

*“Na minha sala é mais ou menos, isso que Flor de Laranjeira falou. Assim, acho que os meninos da minha sala são bem coerentes assim... os que discutia muito já saíram do curso. A maior parte da, da, dos homens da minha sala já são bem coerentes assim, nessa questão, assim...”(Flor do Campo1,2016).*

De qualquer modo elas percebem que as questões se alteram nas relações, que na convivência se constrói, mesmo que neguem que isso só poderia se fazer no conflito, já que elas mesmas disseram antes que as relações são assimétricas. Daí, perguntei a elas como era essa relação nas lutas, para além da sala de aula.

*“Já participei de poucas manifestações, caminhadas. Então, assim, das que participei não percebi. Pelo contrário eu vi muito as mulheres na frente”(Camélia1,2016).*

*“Sempre rola também de alguma mulher ou o cara chegar pra mim... pra mim pelo menos, qual a menina que você não gosta, eu digo: gente eu gosto de todo mundo, eu não tenho esse negocio de não gostar de alguém e tal. Lógico, que a gente se estranha com algumas pessoas mas, isso é normal com homem com mulher, relação humana mesmo. Agora, tipo, de odiar uma pessoa uma mulher? Claro!!! que não*

*nunca, principalmente por mulheres, eu falo isso, porque acontece muito isso todos os dias de mulheres perguntar se eu odeio fulana e não sei o que... eu digo: não gente!!! eu pelo menos tenho isso comigo de odiar uma mulher? Clarrooo!!! que não, faço de tudo para construir uma relação boa né? Lógico que se estranha todo mundo que normalmente, né? Somos humanos...\_\_rsrsrsrs...”(flor de laranjeira2,2016).*

As lutas das mulheres são tratadas no currículo da Educ. Campo?

*“É... só falar em educação do campo né? Na maioria das vezes na cabeça de muita gente e até mesmo nós mesmo, vem mulher dando aula sempre! Então, é isso! A educação do campo é um espaço de oportunidade para a gente e pra levar pro campo mesmo uma educação de qualidade. E nós mulheres juntas nessa trajetória de luta construindo juntas com os homens né? Também porque, educação do campo veio construindo juntos nessa paridade porque, juntos o movimento, são na paridade de gênero, rsrsrsrsrsrs... é isso!!! na igualdade mesmo! Não tenho uma resposta é...” (flor de laranjeira 2,2016).*

As respostas não me deixaram analisar se elas entendem que a luta das mulheres faz parte do currículo, contudo há sempre uma oportunidade uma vez que elas estão vivas a construir sua própria história. Buscando sem apegos os retalhos, costurando-os com linhas e artefatos que muitas vezes tentam descosturar, mas o processo de descosturar é necessário para que possamos ver o que está cobertos pelos retalhos densos de significados. *Finalizo não, estou cortando a linha para daqui alguns instantes voltar a costurar esse trabalho.*

Mas, antes disso penso será preciso, provisoriamente ajustar palavras a um campo provisório de problematizações sobre as discursividades de gênero na licenciatura em educação do campo, o que seria, uma espécie de fotografia da colcha que, mesmo em movimento pode ser apreendida para ser dita e recosturada.

Durante o tempo que fiz o componente e toda a trajetória vivenciada com companheiras do curso, não escutei e nem vi discursões no que tange o currículo. Acerca de resignificar o lugar do componente curricular gênero e sexualidade, o mesmo é optativo, portanto, não alcança grande parte dos discentes. Fala-se em paridade de gênero, mas o que percebi durante a trajetória das aulas, ainda que as mulheres se posicionem. Cartografei durante a pesquisa algumas práticas de silenciamentos, reforçadas e agressivas, por parte dos professores, pelo tom de voz, alto e imponente diante da interrupção da fala de uma das estudantes, afirmando o machismo marcado pelas relações professor x estudantes. Muitas se calam, sentem-se acoadas por medo de represália. No entanto, mesmo diante de tantos mecanismos que produzem o lugar do feminino “educado”, as estudantes que participaram da

tecetura desta colcha, mostraram-se empoderadas no que tange o enfrentamento desses processo de violências, através de estratégias de coletividade entre elas da turma I e II, unidas, dialogando entre si, perceberam-se fortalecidas no embate das situações vividas. No coletivo, elas perceberam que são ouvidas. Mulheres líderes, que gritam por estudos que abarquem as pautas que reveste a vida de mulhere do campo, que movimentam os corpos em busca de discussão sobre a diversidade sexual, para ter liberdade de fazer com o seu corpo-mapa, o que acharem por direito, sem acusações, nem rotulos. Almejam que as potências dos movimentos sociais, cheguem e contaminem de desconstrução e dialogo o curso, perpassando e problematizando os padrões que tentam sequestrar o processo de devir-mulher que é o único que borra o modelo de pensamento eurocentrico que desenha a academia e como consequência o curso da licenciatura em educação do campo.

#### ***4.1 Dificuldades na costura: como dói tecer, costurar, bordar...Uma conclusão pessoal***

*“Palavras são uma guerra para mim. Ameaçam minha família. Para conquistar a palavra para descrever a perda arrisco perder tudo. Posso criar um monstro as palavras se alongam e tomam corpo inchando e vibrando em cores pairando sobre minha mãe, caracterizada. Sua voz na distância ininteligível iletrada. Estas são as palavras do monstro.”*

*Cherríe Moraga*

Procuro um colo para descansar meu corpo-mapa, este, neste momento, esfolado de cansaço, mas vibratil de um certo alívio. Procuro um colo, ontem tentei, 23 de setembro, busquei descansar um pouco no colo da minha mãe consanguínea, mas percebi que ela que estava precisando de um também. Eu a abracei na pequena cama de solteiro e adormeci sentindo a respiração forte, alisei seus cabelos e flutuamos no cair da tarde. Na busca ainda pelo colo, voltei para casa, então, abri o face book e li a poesia que mãe Matambalê postou para me parabenizar por mais um ano de vida. Meus olhos encharcaram da água de Ndandalunda, pelo dia dela, pude sentir o colo das minhas mães. Na dificuldade e limitações da escrita elas me sustentaram, uma pelo cuidado que tenho ao cuidar do seu corpo – mapa, frágil das lutas e forte por se firmar na terra com a permissão de Nzambarandá, a outra pela

voz firme e serena que reflete em um colo de Mametu Matamba, firme, como ventania e sereno como brisa. Questionei-me, esse não é o meu lugar, mãe matalambê me diz: “é difícil filha, voltar para a nossa origem. Desaprendemos o caminho, nos acostumamos no lugar onde nos colocaram.” Quem nos deu permissão para praticar o ato de escrever? Por que escrever parece tão artificial para mim? Eu faço qualquer coisa para adiar este ato - esvazio o lixo, atendo o telefone.(ANZALDÚA, 2000, p.1).

Apoio-me também no colo de Gloria Anzaldúa, Filha de camponeses do sul do Texas, que tiveram suas famílias separadas por uma fronteira imposta, Anzaldúa fazia da leitura o descanso de suas jornadas de trabalho nas plantações. Assim como me construir mulher, mulher negra nada mais natural que buscar colo as minhas ancestrais e companheiras de desálios, é bom saber que não estou sozinha por mais que os sistema teime em me classificar, não aceito, consegui fazer o meu caminho de volta com muita dor no corpo, entrelaço-me nos retalhos das companheiras e sigo... interseccionalizando através dos lugares, flutuo, produzindo-nos, mulher, mulher negra, mulher negra do campo.

De repente, o cartógrafo mata a charada: era isso o que lhe dava a sensação de potencia pairando no ar! Era a intensificação do desejo em sua força produtiva: uma sede insaciável de criar mundo.(ROLNIK, 2011, p. 88). Assim, costurei essa colcha com a ajuda de mãos de mulheres guerreiras, assim, me desterritorializei, do lugar de “mulata” que tentaram me condicionar. Reaprendi o caminho o qual a volta no baoba pelas minhas antepassadas não me deixaram esquecer.

*Apesar de algumas pessoas não quererem participar da pesquisa.” A gente reconhece que essa produção vai ser muito importante né? Para as nossas relações.”(flor de laranjeira 2,2016).*

*“Quem sabe essa produção possa contribuir para fortalecer mais o nosso currículo, né?”(camélia1,2016).*

O que temos para contribuir, para dar? ( ANZALDÚA, 2000, p.4). As nossas mães, vós, tias, nós mesmas... onde estão? Estão imbricadas em cada mulher que segura a bandeira e vai para luta! A continuidade do fazer da colcha borrando o sistema de classificação do corpo da mulher.

## APENDICE

### *Poema de Nena Moreira*

*Eu...*

*Sou*

*tropeira,*

*Sou troteira,*

*Sou treteira.*

*O caminho de terra batida*

*Não me intimida!*

*Sou matreira,*

*Sou guerreira!*

*Às vezes chego á fronteira, Encontro porteira,*

*Atravesso tronqueira.*

*Uma fonte,*

*Uma ponte,*

*Um*

*horizonte.*

*Uma erva – cidreira!?*

*Estou inteira*



**Primeiro poema: A noite não adormece nos olhos das mulheres  
(Conceição Evaristo)**

A noite não adormece  
nos olhos das  
mulheres  
a lua fêmea, semelhante nossa,  
em vigília atenta vigia  
a nossa memória.

A noite não adormece  
nos olhos das mulheres,  
há mais olhos que sono  
onde lágrimas  
suspensas virgulam o  
lapso  
de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece  
nos olhos das  
mulheres vaginas  
abertas  
retêm e expulsam a vida  
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles  
e outras meninas luas  
afastam delas e de  
nós  
os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá  
jamais nos olhos das fêmeas  
pois do nosso sangue-  
mulher de nosso líquido  
lembradiço em cada gota  
que jorra  
um fio invisível e tônico  
pacientemente cose a rede  
de nossa milenar  
resistência

*Segundo poema: O Cântico da Terra  
(Cora Coralina)*

*Eu sou a terra, eu sou a vida.  
Do meu barro primeiro veio o homem.  
De mim veio a mulher e veio o amor.  
Veio a árvore, veio a fonte.  
Vem o fruto e vem a flor.*

*Eu sou a fonte original de toda vida.  
Sou o chão que se prende à tua  
casa.  
Sou a telha da cobertura de teu lar.  
A mina constante de teu poço.  
Sou a espiga generosa de teu gado  
e certeza tranqüila ao teu esforço.  
Sou a razão de tua vida.  
De mim vieste pela mão do Criador,  
e a mim tu voltarás no fim da lida.  
Só em mim acharás descanso e Paz.*

*Eu sou a grande Mãe Universal.  
Tua filha, tua noiva e desposada.  
A mulher e o ventre que  
fecundas.  
Sou a gleba, a gestação, eu sou o amor.*

*A ti, ó lavrador, tudo quanto é meu.  
Teu arado, tua foice, teu machado.  
O berço pequenino de teu filho.  
O algodão de tua veste  
e o pão de tua casa.*

*E um dia bem  
distante a mim tu  
voltarás.  
E no canteiro materno de meu seio  
tranquilo dormirás.*

*Plantemos a roça.  
Lavremos a gleba.  
Cuidemos do  
ninho, do gado e  
da tulha.*

*Fatura  
teremos e  
donos de sítio  
felizes seremos*

## **Anexo**



## **CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

## **CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) a participar, como voluntário(a), da pesquisa – **Caminhos e/ou descaminhos no/do devir mulher: reflexões sobre gênero na Educação do Campo**, no caso de você concordar em participar, favor assinar ao final do documento. Sua participação não é obrigatória, e, a qualquer momento, você poderá desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador(a) ou com a instituição.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o telefone e endereço do pesquisador(a) principal, podendo tirar dúvidas do projeto e de sua participação.

**NOME DA PESQUISA:** Caminhos e/ou descaminhos no/do devir Mulher: Reflexões sobre gênero na Educação do Campo.

**PESQUISADOR (A) RESPONSÁVEL:** Edivania Vitória Moreira

**ENDEREÇO:** Av, Nestor de Melo Pita, 535 – Centro, Amargosa

**PROFESSOR(A) ORIENTADOR(A):** Prof<sup>a</sup> Dra. Ana Cristina do Nascimento Givigi

**OBJETIVOS:** Acompanhar, como se dá a relação entre o ser mulher e/ou torna-se mulher entre as mulheres do campo nas turmas (I e II) no curso de licenciatura em Educação do Campo da UFRB/CFP, diante do lugar de fala que silencia essas mulheres. Bem como, onde elas estão dentro da turma e que tecnologias são construídas para fabricar os gêneros na licenciatura do campo.

**PROCEDIMENTOS DO ESTUDO:** Concordando em participar da pesquisa, você terá que responder a um questionário ou entrevista (gravada ou não), participar de encontros presenciais para dialogar sobre, caminhos e/ou descaminhos no/do devir mulher: reflexões sobre gênero na educação do campo.

**CONFIDENCIALIDADE DA PESQUISA:** Garantia e sigilo de todas as informações assegurando a privacidade/anonimato dos sujeitos quanto aos dados confidenciais envolvidos na pesquisa, informando que somente serão divulgados dados diretamente relacionados aos objetivos da pesquisa.

Esta pesquisa será usada para fins de Trabalho de conclusão de curso licenciatura em pedagogia.

**ASSINATURA DO PESQUISADOR RESPONSÁVEL:** \_\_\_\_\_

**CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO**

Eu, \_\_\_\_\_, declaro que li as informações contidas nesse documento, fui devidamente informado (a) pelo pesquisador(a) - **(Edivania Vitória Moreira)** - dos procedimentos que serão utilizados, riscos e desconfortos, benefícios, custo/reembolso dos participantes, confidencialidade da pesquisa, concordando ainda em participar da pesquisa. Foi-me garantido que posso retirar o consentimento a qualquer momento, sem que isso leve a qualquer penalidade. As informações desta pesquisa serão utilizadas no trabalho de conclusão de curso Licenciatura em Pedagogia.

**LOCAL E DATA:**

**NOME DA CIDADE:**

**NOME E ASSINATURA DO SUJEITO OU RESPONSÁVEL** (menor de 21 anos):

\_\_\_\_\_

(Nome por extenso)

\_\_\_\_\_

(Assinatura)

**CAMINHOS E/OU DESCAMINHOS  
REFLEXÕES SOBRE GÊNERO NA**

**NO/DO DEVIR MULHER:  
EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**Dados gerais:**

1-

Nome: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

2 - Idade:

- A- ( ) 17 a 22
- B- ( ) 23 a 29
- C- ( ) 30 a 40
- D- ( ) 41 a 55
- E- ( ) 56 a mais

3-

Endereço: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

4 - Naturalidade: \_\_\_\_\_

**Dados Sociodemográficos:**

5 - Qual sua identidade racial?

- A - ( ) sou negra (o)
- B - ( ) sou branca (o)
- C - ( ) sou indígena (o)
- D - ( ) sou parda (o)

6- Qual sua Identidade sexual?

- A- ( ) Heterossexual
- B- ( ) Homossexual
- C- ( ) Bissexual
- D- ( ) Lésbica
- E- ( ) Transexual
- F- ( ) Não binária
- G- ( ) Não quero informar

I- ( ) Outros. Qual?

7 - Qual a sua religião?

- A. ( ) Católica
- B. ( ) Evangélica ou protestante

**Instrumento de Pesquisa**

- C. ( ) Espirita
- D. ( ) Umbandista
- E - ( ) Candomblé
- F ( ) Sem religião

8 - Qual seu estado civil ?

- ( ) solteira(o)
- ( ) casada/ mora com companheira (o)
- ( ) separada/ desquitada(o)
- ( ) divorciada (o)
- ( ) união estável/
- Amigada(o) ( ) viúva (o)

9 - Qual a profissão do seu cônjuge ou  
companheira (o)?

\_\_\_\_\_

10 - Tem filhos?

- ( ) sim ( ) não

Quantos ?

- ( ) 1 filho
- ( ) 2 filhos
- ( ) 3 a 5 filhos
- ( ) 5 a 7 filhos
- ( ) 7 a 10 filhos
- ( ) nenhum

11 - Qual sua Escolaridade?

- ( ) Ensino superior incompleto
- ( ) Já fiz outro curso superior e agora  
curso licenciatura em educação do  
campo
- ( ) Já fiz pós graduação

12 - Sua escolaridade é ou foi cursada:

- A- ( ) Integralmente em escola pública
- B- ( ) Integralmente em escola  
particular
- C- ( ) Em sua maior parte na escola  
pública

D- ( ) Em sua maior parte na escola particular

**13 - Qual escolaridade do seu pai?**

- A- ( ) Não estudou.
- B- ( ) Da 1ª à 4ª série do ensino fundamental (antigo primário).
- C- ( ) Da 5ª à 8ª série do ensino fundamental (antigo ginásio).
- D- ( ) Ensino médio (antigo 2º grau) incompleto.
- E- ( ) Ensino médio completo.
- F- ( ) Ensino superior incompleto.
- G- ( ) Ensino superior completo.
- H- ( ) Pós-graduação.
- I- ( ) Não sei.

**14 - Qual escolaridade da sua mãe?**

- A- ( ) Não estudou.
- B- ( ) Da 1ª à 4ª série do ensino fundamental.
- C- ( ) Da 5ª à 8ª série do ensino fundamental.
- D- ( ) Ensino médio incompleto.
- E- ( ) Ensino médio completo.
- F- ( ) Ensino superior incompleto.
- G- ( ) Ensino superior completo.
- H- ( ) Pós-graduação.
- I- ( ) Não sei.

**15 - Você trabalha?**

( ) Sim      ( ) Não

**16 - Onde você trabalha?**

\_\_\_\_\_

**17 - Qual é a sua profissão?**

\_\_\_\_\_

**18 - Trabalha na sua área de formação?**

( ) Sim      ( ) Não

- C- ( ) Irmão
- D- ( ) Marido/ Esposa

Se não, porque não trabalha na sua área de formação?

\_\_\_\_\_

**19 - Qual é a sua renda mensal?**

- A- ( ) Não possui Renda
- B- ( ) Menos de um salário mínimo
- C- ( ) Salário mínimo
- D- ( ) Entre \$ 1.000 e \$ 1.500
- E- ( ) Entre \$ 2.000 e \$ 3.500
- F- ( ) Entre \$ 3.500 e \$ 5.000
- G- ( ) Mais de \$ 5.000

**20 - Quanto é aproximadamente a renda familiar? ( contando com todas as pessoas que moram com você)**

- A- ( ) Menos de um salário mínimo
- B- ( ) Salário mínimo
- C- ( ) Entre \$ 1.000 e \$ 1.500
- D- ( ) Entre \$ 2.000 e \$ 3.500
- E- ( ) Entre \$ 3.500 e \$ 5.000
- F- ( ) Mais de \$ 5.000

**21 - Qual é o tipo de Imóvel que ocupa?**

- A- ( ) Próprio
- B- ( ) Alugado
- C- ( ) Cedido
- D- ( ) Arrendado
- E- ( ) Dividi a moradia com familiares ou outras pessoas
- F- ( ) Pensão, hotel ou similares
- ( ) Outros. Qual? \_\_\_\_\_

**22 - Mora com:**

- ( ) Familiares
- ( ) Republica
- ( ) Sozinha (o)
- ( ) Pensão
- ( ) Outros

Se mora com familiares, assinale qual (is):

- A- ( ) Pai
- B- ( ) Mãe
- E- ( ) Companheiro/Companheira
- F- ( ) Filhos
- ( ) Outros. Quais?



**23 - Possui computador em sua residência?**

- A- ( ) Sim, com acesso à internet
- B- ( ) Sim, sem acesso à internet
- C- ( ) Não

Atividade política e social

**24 - Você participa ou já participou de algum grupo para exercício de atividade política?**

( ) sim ( ) não

Qual?

- A- ( ) Associação Comunitaria
- B- ( ) Associação de Trabalhadores/as Rurais
- C- ( ) Movimento de Pequenos Agricultores
- D- ( ) Sindicato
- E- ( ) Escola Família Agrícola
- F- ( ) associação de mulheres
- G- ( ) Via Campesina
- H- ( ) Comunidade de Terreiro Afro brasileiro
- I- ( ) Associação de Pescadores, Marisqueiros
- J- ( ) Movimento dos Atingidos por Barragens
- K- ( ) Movimento Estudantil
- L- ( ) coletivo da igreja católica
- M- ( ) Movimento de Trabalhadores Rurais Sem terra
- N- ( ) Coletivo partidário
- O- ( ) Outros. Qual

**25 – No grupo em que você participa há discriminação de gênero**

- A – ( ) Sim
- B - ( ) Não

- D- ( ) De dois em dois anos
- E- ( ) Intervalo de três anos ou mais
- F- ( ) Nunca foi ao médico

**26- No grupo que você participa**

- A – ( ) a maioria é homem
- B - ( ) a maioria é mulher

**27 – Na direção deste grupo:**

- A- ( ) a maioria é homem
- B - ( ) a maioria é mulher

**28 – SE VOCÊ FOR MULHER: Como é a relação em sala de aula com seus companheiros homens?**

- A- ( ) Ruim
- B- ( ) Razoável
- C- ( ) Boa
- D- ( ) Muito boa
- E- ( ) Excelente

**29- Como você avalia a relação entre heterossexuais e homossexuais na sala de aula**

- I. ( ) Ruim
- II. ( ) Razoável
- III. ( ) Boa
- IV. ( ) Muito boa
- V. ( ) Excelente
- VI. ( ) não há homossexuais na sala de aula

**30 – Como é a relação em sala de aula com seus companheiros homens?**

- A- ( ) Ruim
- B- ( ) Razoável
- C- ( ) Boa
- D- ( ) Muito boa
- E- ( ) Excelente
- F- ( ) não há homossexuais na sala de aula

**Qualidade de vida e entretenimento:**

**29 - Vai ao médico com que frequência?**

- A- ( ) Mensalmente
- B- ( ) De seis em seis meses
- C- ( ) Uma vez ao ano

**30 – Possui algum problema de saúde?**

( ) sim ( ) não

Qual?

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**31 - Você consome ou já consumiu algum tipo de droga ( lícitas ou ilícitas)?**

( ) sim ( ) não ( ) as vezes ( ) sempre

Qual (is)?

- A- ( ) Álcool
- B- ( ) Maconha
- C- ( ) Cocaína
- D- ( ) Cafeína
- E- ( ) Anabolizantes
- F- ( ) LSD/ Ecstasy
- G- ( ) Ansiolíticos e os benzodiazepínicos ( remédios de depressão)
- H- ( ) Nicotina
- I- ( ) Plantas alucinógenas (a chacrona, a mescalina, e a ayahuasca)

**32 - Frequenta ou já frequentou algum tipo de tratamento terapêutico?**

( ) sim ( ) não

Se sim, qual (is)?

- A- ( ) Psicólogo
- B- ( ) Acupuntura
- C- ( ) Terapia ocupacional
- D- ( ) Psiquiatra
- E- ( ) Terapia em grupo
- F- ( ) Cromoterapia
- G- ( ) fisioterapia

Dê sua resposta de acordo com a escala de 1 a 5 (como especificado abaixo) para as

seguintes questões:

01	02	03	04	05
Nunca	Raramente	Às vezes	Frequentemente	Sempre

**33 - Com qual frequência você:**

- A- Livros ( )
- B- Viaja ( )
- C- Ouve música ( )
- D- Frequenta Teatro, Museu ( )
- E- Frequenta Cinema ( )
- F- Pratica esportes ( )
- G- Realiza atividades sociais (sair com amigos/ festas) ( )
- H- Realiza exercícios físicos (caminhar/ andar/ malhar) ( )
- I- Realiza atividades artísticas (pintura/ artesanato / tocar instrumento) ( )

Dê sua resposta de acordo com a escala de 1 a 5 (como especificado abaixo) para as seguintes questões:

01	02	03	04	05
Não	Pouco	Às vezes	Frequentemente	Muito
interesse	interesse	interesse	interesse	interesse

**34- O quanto você se interessa pelos assuntos abaixo:**

- A) Política ( )
- B) Globalização ( )
- C) Esportes ( )

D) Desigualdade social/ desemprego ( )

E) Arte/ teatro/ cinema/ música ( )

G) Qualidade do serviço público de saúde e educação ( )

H) Sexualidade (Prazer / gravidez / Desejo) ( )

I) Racismo ( )

J) Discriminação e violência contra mulheres ( )

K) Discriminação e violência contra homossexuais/ gays / lésbicas/ bissexuais/ travestis/ transexuais ( )

L- Discriminação e violência contra o idoso/ crianças / pessoas com necessidades especiais ( )

F) A questão das drogas ( )

**35- Você já sofreu algum tipo de discriminação?**

( ) sim ( ) não

Se afirmativo, assinale qual (is):

A- ( ) econômica

B- ( ) étnico/ racial

C- ( ) De gênero

D- ( ) por ser homossexual/ gay/ lésbica/ bissexual/ travesti/ transexual

E- ( ) por sua idade

F- ( ) por sua aparência física ( estar acima ou abaixo do peso/ ser alta ou baixa/

***Obrigada!***

## Perguntas que nortearam a dinâmica de grupo

- 1 - Você é propositiva nas questões que são debatidas em sala?
- 2- Quando você se posiciona na sala de aula como suas posições são tratadas?
- 3- Como você pensa que as diferenças são tratadas no debate na educação do campo?
- 4- Há disputas entre os sujeitos na sala de aula?
- 5- Qual a metodologia usada para o 'tratamento' (forma de lidar) com os conflitos na sala de aula?
- 6- Há disputas entre masculinos e femininos na sala de aula ? Como você vê essa relação?
- 7- Há questões em sala de aula que problematizam a existência/atuação dos femininos?
- 8- Há diferenças entre os femininos na sala de aula? Como isso é tratado?
- 9- Há pessoas de orientação sexual não heterossexual na sua sala? Como isso é tratado pelos outros?
- 10- Há pessoas de orientação sexual não heterossexual na sua sala? Como isso é tratado pelo currículo da educação do campo?
- 11- Você me disse que é uma liderança em seu movimento...você se considera também uma liderança na sala de aula? Por que? (PARA QUEM RESPONDEU ISSO)
- 12 -Diante da sua caminhada de luta e de sua atuação política como você definiria sua relação na sala de aula com seus colegas homens?
- 13- Diante de todo histórico de lutas da educação do campo, como você sente que as questões das lutas das mulheres são tratadas no currículo da educação do campo?

## Referencias:

BARBOSA, Joaquim Gonçalves. O diário de Pesquisa: O estudante universitário e seu processo formativo. Remi Hess – Brasília: Liber livro, 2010.

BAIROS, Luiza, Nossos feminismos revisitados. Estudos Feministas, vol.3, nº2, Universidade Federal do Rio de Janeiro, p. 458, 463,1995.

BEAUVOIR, Simone de. O segundo sexo: a experiência vivida, volume 2; tradução Sérgio Milliet. - 3. ed. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira,2016.

BRASIL. **Lei Maria da Penha** : Lei no 11.340, de 7 de agosto de 2006, que dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010. 34 p. – (Série ação parlamentar ; n. 422) . Lei Maria da Penha : Lei no 11.340, de 7 de agosto de 2006, que dispõe sobre mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. – Brasília : Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010. 34 p. – (Série ação parlamentar ; n. 422)

BRASIL,<http://www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2012/09/mulheres-do-campo-em-situacao-de-violencia-serao-atendidas-por-unidades-moveis>).

CARDOSO,L. De R. Nos rastros de uma bruxa, compondo metodologias alquimistas. In: MEYER, D. E. ; PARAÍSO, M. A. (org). Metodologias de pesquisa pós críticas em educação. Belo Horizonte: Mazza, 2012.p.219 – 241.

CAIAFA, Janice. Aventura das cidades: ensaios e etnografias. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

CARDOSO, Cláudia Pons Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras / Cláudia Pons Cardoso. – Salvador, 2012. 383 f. : il.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs – Capitalismo e esquizofrenia Vol.4**. São Paulo, SP, Editora 34. 1997a.

DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Crítica e Clínica**. São Paulo: Ed 34, 1997b.

Dicionário Barsa da língua portuguesa / Barsa Planeta Internacional; [lexicógrafa responsável Thereza Cristina Pozzoli]. - São Paulo: Barsa Planeta, 2008.

FOUCAULT, M. A ordem do discurso. São Paulo: Loyola, 1998. Aula inaugural no Collège de France, pronunciamento em 2 de dezembro de 1970.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso, 1970.p.01-29. Disponível em: <<http://visites.unb.br/fe/tef/filoesco/foucault/ordem.pdf>>.acesso em 18 setembro 2017.

HÄHNLER, June E.*A mulher brasileira e suas lutas sociais e políticas (1850-1937)*. São Paulo, Brasiliense, 1981.

GIVIVI, Ana Cristina Nascimento. **Do ressentimento à potência: o uso-desuso de drogas, a escola e as políticas de expansão no cotidiano.** 2009. Tese (Doutorado)- Programa de Pós-Graduação em Educação- Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

GONZALEZ, Lelia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Ciencias Sociais Hoje*, Anpocs, Brasília, p. 222 – 224, 1983.

LEITE, Miriam Moreira. *Outra face do feminismo, Maria Lacerda de Moura.* São Paulo, Ática, 1984.

HENN, Iara Aquino. “Agroecologia e relações de gênero em projeto societário” in MULHERES CAMPONESAS trabalho produtivo e engajamentos políticos .NEVES, Delma Pessanha , MEDEIROS, Leonilde Servolo (Organizadoras), Niterói : Alternativa, 2013.

MST – Setor Nacional de Gênero. Construindo novas relações de gênero desafiando relações de poder, Julho 2003.

Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade / orgs. Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia. - Porto Alegre: Sulina, 2010.207p.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v- 20, n° 2, p. 71 – 100, jul/dez 1995.

ROLNIK, Suely. Uma Insólita viagem a subjetividade: fronteiras com a ética e a cultura. In: LINS, Daniel (org). **Cultura e Subjetividade: Saberes Nômades.** Campinas, SP: Papyrus, 1997, p. 25-34.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental:** Transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.247p.

TRINDADE, Rafael, Blog/Revista Inadequada–São Paulo/SP.

<https://razaoinadequada.com/2016/03/08/devir-mulher/rafaeltrindade> (acessado em: 11/09/2017).

WOORTMANN, Ellen F., MENACHE, Renata, HEREDIA, Beatriz (organizadoras). NEAD Especial. Margarida Alves. **Coletânea sobre estudos rurais e gênero**, Brasília: MDA, II CA, 2006.